VOLUME XII ☼ ANNO 1907

Bibliotheca Magazine Popular Illustrada

Director e Administrador — ADOLPHO DE MENDONÇA — Editor e Proprietario

Composto e impresso na typographia Rua do Corpo Santo, 46 e 48

COSMOS

VOLUME XII

1907

TYPOGRAPHIA ADOLPHO DE MENDONÇA

46, RUA DO CORPO SANTO, 48

LISBOA

MÃE!

Bella cabra, a Russa! — posso dizel-o aos senhores. A melhor da manada, luzida, de pello macio, sem saliencias de ossos como as outras, altiva de porte quando á frente do rebanho parecia commandal-o, badalando cadencialmente o seu chocalho enorme — tlão! tlão! Era no rebanho a que mais dava que fazer ao pastor, requerendo vigilancias particulares no seu atrevimento, pois que se a deixassem livre não havia arvore a que não trepasse, oliveira especialmente, nem rebento novo que não triturasse esfomeada no seu dente acerado de roedora.

E depois, alli onde a viam, estava cara só pelas coimas, que muitas vezes illudira ella a attenção do pastor, e se ficara por hortas e quintalorios, causando estragos que os louvados depois avaliavam caro. Por isso Alipio José, pastor, a quem doiam as denuncias, ao pescoço da Russa prendera o chocalhão, para dar

do atrevido animal mais facil rumor, pois era de timbre muito distincto dos demais, e muito mais grave.

Em pastagens pelos montados, a Russa era de uma audacia extrema. Fazia gosto vel-a trepar ás ultimas cumiadas, subir destemidamente ás arestas superiores dos rochedos, muito serena, erecta nas suas pernas delgadas, pescoço alto, ajoelhando destemida a retouçar as hervas dos declives alcantilados e escorregadios, não medindo perigos nem se importando com abysmos, emquanto as companheiras se ficavam pelas encostas e corregos, saboreando as giestas, sem se atreverem a seguil-a nas suas excursões arriscadas de *touriste*.

Se a miravam de baixo, sentia-se orgulhosa de superiores audacias, e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, pouco se lhe dando de perigos. Cobra que encontrasse por essas paragens era para ella um desespero — tamanha a furia com que a perseguia, e a insistencia com que se ficava ás marradas na lura onde se lhe acoitava. O chocalho então badalava com força, e o Alipio que dormia á sombra das azinheiras, de chapéu sobre a cara, levantava-se sobre um cotovello e intimava para o alto, com o seu vozeirão que fazia echo:

—Toma tento, Russa!

E depois, de ventre para baixo, estirado sobre a

manta, cotovellos fincados no chão, os queixos entre as mãos espalmadas, Alipio Jose ficava-se a olhar a cabra, invejoso d'aquella facilidade em subir aos ultimos pinaculos, admirado dos saltos que ella fazia para salvar gargantas pedregosas e perpendiculares, onde, se caisse, a morte seria infallivel. E por lá andava dias inteiros a Russa n'aquella vagabundagem por sitios inaccessiveis ao resto do rebanho, resguardando-se da chuva em reconcavos de rocha, onde as aguias faziam ninho.

*
* *

Foi n'um d'esses sitios que a Russa teve o primeiro filho, e por lá se deixou ficar, acho que dormindo ou toda a noite velando. Ao outro dia quiz ella descer, e vir para o rebanho que a aguardava. Mais de cem vezes, fitando o topo da ladeira, Alipio José, gritára cá debaixo, cada vez mais desesperado:

—Volta ao rebanho, Russa!

E, cuidando que mais lhe feria assim a attenção, punha-se a agitar com furia o mólho dos chocalhos, gritando sem cessar:

—Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas impossivel! que a não deixava a quebreira em que toda ella ficara do parto, nem o pequeno poderia

— pobresinho! — descer por taes ladeiras, de pedregosas e asperas que eram.

Mas de noite o frio era intenso n'aquellas alturas, e o pequeno congelava unindo-se á mãe que o bafejava para o aquecer, e a si o aconchegava mais e mais para lhe transmittir o natural calor do seu corpo enfraquecido e doente.

Por altas horas da noite, na solidão lugubre de aquelle sitio, alcantilado e ingreme, entre penedias escarpadas onde o vento sibilava lugubremente, n'um como choro dolente e prolongado, o balido da mãe, traduzindo angustias e desesperos intimos, respondia ao vagido fraco do filhito, cuja vida parecia ir-se apagando de hora a hora e instante a instante, inteiriçando-se-lhe com o frio os membros delicados e tenros.

Eram assim as noitadas dos desgraçados. Por taes frios e doenças, impossivel dormir. Toda a noite velavam e gemiam, achegando-se mais e mais n'um como abraço de eterna despedida — amigos que se iam apartar para uma longa viagem de trevas, com o coração alanceado pela saudade, soluçando e gemendo, n'um adeus! que era infinito, como o infinito amor que os unia...

E a cada momento, como um dobre de finados, o chocalho badalava lugubremente, assustando o animalsinho, como se aquelle fôra o signal para o transe derradeiro.

Para maior desgraça, as noites eram sem lua. Encravadas ná abobada, as estrellas bocejavam dormentes, n'uma criminosa indifferença por aquella dôr suprema de que eram as unicas testemunhas.

E balando muito, e balando sempre, a pobre cabra imprecava ao céo a vida do filho, ao menos,—ora supplice em balidos de resignação que uma profundissima dôr ungia, ora desvairada e louca, em gritos que significavam blasphemias, blasphemias de desespero contra o céo que a não ouvia, e contra a morte que bem sentia approximar-se para lhe estrangular o filhinho que ella amava tanto.

E a fazer-lhe mais incruenta a sua enorme dôr—a ironia acerba da chocalhada longinqua das companheiras, que se iam pelos montes da outra banda, deixando-a a ella sósinha com o filho, á espera da morte que era inevitavel.

Então ergueu-se por instantes! Agitou convulsamente o pescoço, e pelo ar fóra o som triste do chocalho espraiou-se lentamente, n'um adeus! adeus! de despedida ás companheiras felizes que lá iam, n'um ruido longiquo de chocalhos...

*

* *

N'aquella solidão os dias eram melhores. Com os primeiros raios do sol entravam de reanimar-se os

dois; pouco a pouco os membros desentorpeciam e o sangue circulava.

E o cabritinho sem poder ainda descer!...

De pé, ao lado do filho, a pobre cabra lançava olhos compungidos para as escarpas da ladeira, ia para um lado e outro, desvairada e tremula, como que a escolher o melhor caminho por onde levasse o filho. Mas eram todos horriveis! Silvedos e rocha viva era o que mais se via. E depois o rio, lá baixo, rugia nas cachoeiras, augmentando-lhe o receio.

Impossivel! impossivel!

E sentia-se enfraquecer á mingua de sustento, pois a herva, por alli, estava comida e recomida pela pastagem miseravel de tres dias.

N'um momento de desespero, quando os gemidos do filho eram mais dolentes e crebros, refez-se de coragem a cabra, e segurando entre os dentes o chibo tentou o primeiro passo, arrastando-o pela ladeira, do lado em que o declive era menor. Mas em breve desanimou a pobre, que o filhito, assim arrastado, mais e mais gemia, convulsionado e tremulo...

Impossivel! impossivel!

Nada que signifique a dôr d'aquella mãe, e traduzir possa em linguagem toda a gamma de sentimentos e

emoções no seu balar expressos. Atirou-se de joelhos sobre o corpinho do filho que hirto chorava e tremia, estendido para alli, na prostração pesada do ultimo desalento; animava-o com caricias, aproximava-lhe da bocca os uberes já flaccidos e amolentados, convidando-o a mamar, como se aquelle leite podesse levar ao filho a coragem que a ella propria faltava em tamanho transe afflictivo...

Mas pouco a pouco a noite ia cahindo. Tinha-se já apagado a ultima cambiante do poente, e sobre as gargantas dos montes passavam subtilmente as primeiras nevoas, alvadias e tenues. A' medida que a treva se condensava, decresciam os ruidos em todo o horizonte, accentuando-se cada vez mais a melopéa somnolenta do rio nos açudes. Perpassavam pelo ar as aves para os ninhos. Bandos de pombas, como flocos volateis de arminho, cortavam em vôos mansos a profundidade calma do céo, demandando os pombaes e os povoados, onde se acolhessem da noite que vinha caindo. Revoadas de perdizes e de tordos passavam por alli alegremente, n'um chilrear sonoro, caindo de chofre sobre o monte, a esconderem-se nos estevaes e nas urzes. Pelas hervagens seccas rastejavam apressados os reptis, e sob os tojaes bravios a lebre buscava a cama...

...E tudo tinha ninho—pombas que voavam e perdizada sonora, quem passava no ar e quem rastejava no monte, lagartos, sardões, cobras, toda a colonia vagabunda de reptis e de aves, que passou ale-

gremente o seu dia, e se ia recolher agora para recomeçar o dia ámanhã...

Só a desgraçada cabra, alli, junto do filho tenro, não mais fizera passo. Com as brumas da noite, as brumas da tristeza para o seu coração alanceado de mãe. Ahi vinha o frio inclemente flagelar-lhe o filho...—o filho que já tremia a ella aconchegado — o triste pobresinho!

Rompia de toda a banda o gri-gri sonoro dos grilos vivo e cantante n'aquelle silencio que se definia. Cerrou de todo a noute. O céo era baixo e torvo de nuvens. Estrellejava a espaços a abobada, irradiando uma luz mortiça e alvadia, que levava a pensar em ultimos transes de creanças, em que a vida gradualmente se extinguisse, n'um latejar vagaroso de palpebras somnolentas...

Mais algida fazia a noite, e mais pesada de melancolias, essa torva apparecia da atmosphera e do céo Noite peor do que as outras, porém com menos balidos, pois que mãe e filho estavam extenuados de forças e nem gemer podiam. E a morte que não vinha arrancal-os do abraço em que se uniram, mal cerrara a noite!

A pequena distancia, o monte era cortado de profundissima garganta em rocha viva. Do lado opposto, e quasi defronte dos moribundos, accenderam-se na treva dois pontos phosphorescentes, de uma clari-

dade esverdeada e rutila. E, immoveis, esses dois olhos estoirados de lobo, a que parecia terem arrancado as palpebras, projectavam a sua luz sinistra na direcção do grupo que velava. A natureza inteira retrahia-se n'um como pavôr medonho, concentrado de intimos terrores e silencios lobregos d'horas altas. Cerrava-se mais no céo a phalange muda das nuvens, densificando-se em tintas negras, impenetraveis e caliginosas, sem scintillas de estrellas, por fugidias e tenues que fossem...

E sempre, e constantemente imoveis na escuridão pesada, aquelles dois olhos flammejavam, de instante a instante mais vivazes, perscrutando a treva da direcção mais exacta do grupo. Transida de susto, arquejando convulsamente no ultimo paroxismo da sua enorme dôr, a pobre mãe não ousava arriscar um unico movimento e mais e mais cerrava contra si o corpo inanimado do filhito que parecia adormecido.

Assim durante horas que aquelle atrocissimo supplicio fez enormes, quasi eternas, tumultuosas de acerbos soffrimentos e de indiziveis angustias, vasias de esperança na vida do seu pequenino filho.

De repente, aquelles dois pontos brilhantes apagaram-se na treva, e de novo os viu brilhar a cabra, mas já a maior distancia. Estremeceu a pobre de subita alegria,—e no abalo que soffreu o seu corpo, até então retrahido, o choçalho badalou. Voltou a correr

o lobo, e então a desgraçada viu errarem na treva, como dois grandes coleoptéros de azas phosphorescentes, os olhos até então immoveis do inimigo. E por alli levou a noite toda, farejando e uivando, até que cançado de perscrutar o insondavel, se foi ladeira abaixo, aos primeiros assomos da madrugada que vinha, docemente alumiando pincaros e arestas.

*

* *

Ao romper d'alva o céo era azul. Apenas de longe em longe pennachos de nuvens brancas ondulavam as suas cristas alvadias, que se esfarpavam lentamente ao menor sopro da aragem. Pouco a pouco o azul ia desmaiando, diluindo-se na luz esbranquiçada que vinha do alto em gradações imperceptiveis e suaves.

Começavam de animar-se os longes da paizagem, e a retina accusava já as differenças mais salientes dos campos e herdades, pedaços esbranquiçados de restolhos, tons pardos de olivaes, terras plantadas de vinhedo, e pinheiraes cerrados galgando desfiladeiros e investindo com o céo no alto dos montados.

Pelas ladeiras d'além, caminhos e atalhos corriam em torcicolos até ao areal da margem. Em turbilhões de espuma alvissima precipitava-se a agua nos açudes, marulhando nos altos penedos marginaes, denegridos e informes, de uma mudez contemplativa e

perpetua. Do tecto do moinho, lá em baixo, uma columna azulada de fumo elevava-se tranquillamente no ar sereno e doce, até se desfazer no espaço amplo e benigno, como uma ambição ou como um sonho...

*

* *

Foi então que Alipio José á frente do rebanho, de novo abordou áquellas paragens, no intuito de procurar a cabra treśmalhada.

—Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas precisamente a essa hora, a Russa exhalava o ultimo alento, pendida sobre o cadaver do pobre filhinho morta!...

E ao pino do meio dia, quando o sol faiscava causticando nos rochedos—passava na direcção da montanha, crocitando lugubremente, a esfaimada legião dos amaldiçoados corvos...

TRINDADE COELHO.

O annel dos Polycrates

Terceiro acto

SCENA III

Agamedes e Melissa

AGAMEDES, sentando-se, pensativamente, sobre um bloco de marmore:

Felizes?

MELISSA, approximando-se de Agamedes e beijando-o nos cabellos:

Eu por mim sou felicissima!

AGAMEDES

E eu
De tal modo feliz, que até em mim nasceu
O assombrado terror de ser feliz de mais!
Tremo que olhem p'ra nós os deuses immortaes!

MELISSA

Turba-me o teu fallar! Não me disseste ha pouco,
Luz do meu coração, que era proprio d'um louco,
Mas d'um louco varrido, alhear-se, pôr-se a gente
A pensar no futuro, esquecendo o presente?
Não taxaste, meu bem, de puro desatino,
Que alguem tente desviar os golpes do Destino?

AGAMEDES

Assim foi, meu amor: mas devo confessar-te
Que a ventura do annel, d'esse prodigio d'arte
Arremessado ao mar e p'lo mar devolvido,
Me faz pensar em nós, taciturno e abatido...
Amasis tem razão. .
Fortuna que ultrapassa
Commedido limite é uma divina ameaça!

(Pequena pausa)

O pio camponez dirige-se á manada
E escolhe entre as demais a vitella malhada,
Saltadora e gentil, de rosado focinho,
Cujo sangue em cachão, misturado com vinho,
Ha-de em breve correr sobre a pedra do altar.
A amedrontada rez, deixando-se apartar,
Percebe que o aldeão com dedos indolentes
A afaga e lhe dispõe nos cornos incipientes,
De narcisos de neve um cheiroso festão...
E logo, ei-la a mugir com terna gratidão,
Tal a moça rendida ás caricias do amante,
Ignorando, infeliz! que essa mão afagante,
Que essa mão que lhe bate em macio compasso,
Breve lhe ha-de embeber a choupa no cachaço!

O Destino é o aldeão e nós a rez singella...
Quando virmos sorrir o Destino, cautela!
Deve vir perto a dor, se nos roça o prazer,
E a desdita a miudo, ai de nós! quando quer
Nossa taça rasar das mais cruciantes dores,
Embuça-se, a cruel, n'um manto d'alvas flores!

MELISSA

Sentes-te, dize, então feliz em demasia?

AGAMEDES

Pois não és minha amante? A doirada ambrosia
E' fel, talhante fel, se a comparo á doçura
Do nosso grande amor... Os deuses lá na altura
Podem ciumes ter de mim. Devo acalmál-os!

MELISSA

Como?

AGAMEDES

P'lo soffrimento. Immolando os regalos,
Que o meu sonho d'artista ainda ha pouco me dava,
Dizendo o ultimo adeus á Gloria que acenava
Por mim com aurea voz, das eras porvindouras;
Lançando, tristemente, ás ondas gemedoras
A maceta e os cinzeis, irmãos que eu estremecia;
Jurando nunca mais lavrar a pedra fria
Na ancia de crear excelsas maravilhas,
E fazendo afinal a tua estatua em estilhas!

MELISSA, aterrada:

Acaso enlouqueceste?

AGAMEDES, desvairadamente:

E' certo, enlouqueci,
Enlouqueci d'amor, d'amor, d'amor por ti!
Enlouqueci, meu bem, e quero viver louco,
Quero louco morrer!

MELISSA

Ouve, socega um pouco...

AGAMEDES

Socêgo? só depois de destruir a estatua...
Fôra uma presumpção ingenuamente fatua
Querer possuir a um tempo a Gloria eterna e o Amor!
E o castigo depois? Bem mais viva que a dor
Que se faz annunciar, da qual se está á espera,
E' a dor que de surpresa as almas dilacera.

MELISSA

Partir a estatua! Não!... Peço-te, supplicante...

AGAMEDES

O artista ha-de morrer para salvar o amante!

Silenciosos, com as frontes abatidas, os dois amantes encaminham-se para a vinha

EUGENIO DE CASTRO.

Metarmophoses d'uma bola de agua de sabão

Todas as creanças gostam de assoprar bolas de agua de sabão, mas servem-se, em geral, d'uma solução simples de sabão commum e contentam-se em vel-as pairar um pouco no ar. No que abaixo dizemos, não só lhes ensinamos uma receita para uma solução, melhor que a usada por ellas, mas tambem diversas e curiosas formas que as bolas de agua de sabão podem tomar.

A solução simples de sabão commum, geralmente usada por vós, meus juvenis leitores, dá-vos apenas bolas de ephemera duração. Deveis usar outra, se quizerdes obter effeitos lindos. Dissolvei em agua morna um pouco de sabão branco, d'esse que por ahi chamam sabão de sêda, em solução forte, passai-a atravéz d'um panno e misturáe no liquido um pouco de glycerina na proporção de duas partes de glycerina por tres de agua de sabão. Agitae bem para bem se fazer a mistura e deixae-a repousar depois até se formar á superficie uma crosta esbranquiçada. Tirareis então essa crosta e deitareis o liquido n'um frasco convenientemente arrolhado, onde elle se conservará prompto a servir tanto tempo quanto quizerdes.

Duas recommendações é preciso fazer-vos; a primeira é que nunca vos passe pela cabecinha substituir na solução o sabão branco indicado acima por qualquer sabonete de *toilette*; os sabonetes não pres-

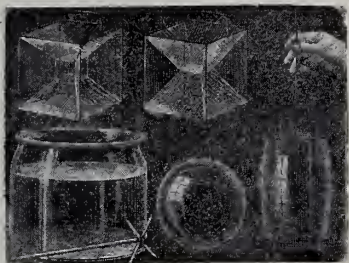
tam para isso, por mais finos que sejam; a segunda é que, quando quizerdes servir-vos do liquido, tireis do frasco apenas a quantidade que julgardes necessaria para o vosso divertimento e que, se algum sobejar, não torneis a mettel-o no frasco, porque irá estragar o outro que lá estivér, pois que o liquido ao contacto prolongado do ar acaba por corromper-se.

Para assoprar as bolas deveis servir-vos d'um cachimbo ordinario, d'esses de barro recosido, ou d'uma palha cuja extremidade talhareis em cruz, dobrando para fóra, em angulo recto, as quatro partes cortadas, ou ainda d'um tubo de cartão, do diametro d'um dedo, cuja extremidade talhareis como fica dito para a palha.

Posto isto vejamos por que fórmas podemos fazer passar a bola de sabão. Confeccionae com um bocado de arame delgado um pequeno supporte formado de um annel assente em tres pés. Molhando-o com a agua de sabão podereis encostar-lhe ligeiramente a parte inferior d'uma bola que assopreis no tubo, deixando-a assente no supporte. Não havendo correntes de ar conservar-se-ha ahi muito tempo sem rebentar.

Se tiverdes feito um outro annel do mesmo diametro que o primeiro, cerca de 7 centimetros, sustido por uma haste vertical, molhando-o na agua de sabão e encostando-o á parte superior da bola, esta adherirá, de modo que, se elevardes vagarosamente o annel, a bola ir-se-ha approximando pouco a pouco, da forma d'um cylindro recto, se elevardes o annel verticalmente, ou obliquo, se o annel fôr elevado obliqua-

mente. O effeito é na realidade muito curioso, tanto mais que esse cylindro póde ainda voltar á forma primitiva, se baixardes vagarosamente a mão até á altura conveniente.

Confeccionae agora uma pequena armação de fio de ferro que represente as arestas d'um cubo, de 7 centimetros de lado suspenso d'uma haste vertical. Se mergulhardes esta armação, segurando-a pela haste, na agua de sabão e a retirardes vagarosamente, observareis um phenomeno curioso e de

effeito esplendido. No centro da armação vereis uma pequena lamina de agua, horisontal, parallela ás faces superior e inferior do cubo formado pela armação de arame; de cada um dos lados d'essa lamina partem outras laminas liquidas, ligando-o a todas as arestas horisontaes do cubo e cada um dos quatro vertices apparece ligado por outras laminas de agua ás arés-tas verticaes.

E se tornardes a mergulhar a face inferior do cubo, sómente, ficareis surprehendidos com a transformação que se opera no cubo. No centro apparecer-vos-ha um cubo mais pequeno, de faces liquidas eguaes á primitiva lamina, ligadas por laminas de agua de sabão ás arestas da armação de arame. Mas

o mais curioso é que se quebrardes com um bocado de papel absorvente uma das faces do pequeno cubo reapparecerá a primitiva figura, isto é, no centro ficará apenas a lamina liquida horisontal.

Anecdotas

Correctivo merecido

O cardeal francez Dubois tendo sido um dia atacado de doença grave que exigia a intervenção immediata da cirurgia, mandou chamar Boudou cirurgião chefe do hospital geral de Paris. Quando o medico se lhe apresentou, o cardeal dirigiu-se-lhe nos seguintes termos :

— Espero, senhor, que me tratará com os cuidados devidos á minha gerarchia e não como se eu fôra qualquer dos seus maltrapilhos do hospital.

— Monsenhor, respondeu-lhe o medico serenamente, todos esses maltrapilhos a que Vossa Eminencia se refere, são considerados e tratados por mim como se fossem eminencias.

Resposta a tempo

Uma senhora que usava um esplendido annel de brilhantes, e que tinha a infelicidade de ser muito magra e feia, de mãos descarnadas e mal feitas, encontrou-se uma noite n'um baile com um titular, *casca grossa*, muito condecorado, trazendo na occasião, entre varias outras medalhas e placas, um esplendido collar cravejado de brilhantes. Conversando

n'um grupo de amigos proximo da senhora em questão, disse o titular, olhando-a de soslaio:

— Antes queria possuir o annel que a mão.

— E eu, replicou a senhora furiosa, antes queria o cabresto que o animal.

O cumulo da imbecilidade

Um creado infiel resolveu furtar ao patrão uma grossa quantia que n'esse dia recebera e guardara na gaveta d'um movel que se achava n'um gabinete contiguo ao quarto de dormir.

Para isso começou a preparar as coisas de maneira que o furto parecesse, quando descoberto, praticado por gente estranha, com assalto e arrombamento, etc.

Mas subsistia uma difficuldade grave: o patrão tinha o somno muito leve e o creado para chegar ao tal gabinete devia atravessar o quarto onde elle dormia. Depois de muito matutar, julgou o gatuno ter achado um excellente expediente; como na casa havia um cão perdigueiro, lembrou-se de que, levando duas luvas de pellica e batendo com ellas uma na outra, quando atravessasse o quarto, o patrão, se accordasse supporia que era o perdigueiro e nada diria.

De facto, assim fez, mas o patrão, despertando, perguntou:

— Quem anda ahi?

— E' o perdigueiro respondeu logo o creado, muito atarantado.

A verdade acima de tudo

Tendo morrido um usurario que em vida se inculcara sempre como republicano intransigente, um dos seus correligionarios, fazendo a apologia do morto á beira do tumulo, começou o seu discurso pelas seguintes palavras:

— Cidadãos, o homem a quem n'este momento prestamos as derradeiras homenagens possuia, um caracter firme e incorruptivel. Foi sempre fiel aos principios de 89...

— *Por cento*... exclamou uma voz no meio da assistencia.

Opportuna explosão de ressentimento

O marquez de Marivault, regressando d'uma campanha onde perdera um dos braços, dirigiu-se a Luiz XIV a pedir-lhe uma mercê. O rei, guardando o memorial que lhe apresentou o valente militar, respondeu-lhe apenas:

— Veremos, veremos.

— Perdão, meu senhor, retorquiu serenamente o marquez; se eu tivesse respondido tambem — veremos, veremos, — quando me foram chamar para ir combater os inimigos de Vossa Magestade, ainda agora teria os meus dois braços.

O rei deferiu immediatamente a pretensão do seu energico servidor.

Um disfructador

N'um dos nossos primeiros theatros foi á scena um drama que logo na primeira representação cahiu para nunca mais se levantar, no meio de furiosos protestos do publico, pateada, assobios, chufas, o diabo...

No meio da enorme balburdia havia porém um espectador que applaudia freneticamente.

Um visinho indignado, perguntou-lhe :

— O senhor gostou do drama ?

— E' uma tremendissima *pepineira*.

– Não parece que pense o que diz. Está a applaudir com tanto enthusiasmo...

— O peior é que já estou muito cansado. Mais forças eu tivesse, mais applaudiria.

— Ha-de desculpar-me, mas não percebo...

— Pois é bem simples, homem. Estou a applaudir os que pateiam !

Delicadeza britannica

N'uma viagem de nupcias. Elle, um inglez forte, de côres magnificas, ella, franceza, um botão de rosa, de graça encantadora. Tomaram os dois unicos logares vagos n'uma diligencia que fazia a carreira entre duas terras de provincia.

Depois de algum tempo de caminho, elle inquire cuidadoso :

— Vaes bem ahi, menina ?

— Oh, perfeitamente, meu amigo.

— E' commodo o logar ?

— Magnifico.
— Não te incommodam os solavancos do carro ?
— Aqui mal se sentem.
— Não sentes nenhuma corrente de ar ?
— Oh, não, aqui vou bem agasalhada.
— Olha: dá-me o teu logar e vem tu para o meu.

Achatamento da Terra nos polos

O que se segue é uma demonstração simples e pratica para fazer comprender com facilidade ás creanças como a Terra por virtude do movimento de rotação, se achatou nos polos e alargou no equador.

NÃO ha talvez uma só creança que se não tenha entretido largas horas com uma rodella de cartão furada em dois pontos proximos do centro por onde se passa um fio cujas extremidades são depois atadas uma á outra, e que se faz girar com grande velocidade, torcendo e destorcendo o fio, com o movimento alternado de approximação e affastamento das mãos n'elle enfiadas.

E' este brinquedo simplicissimo, ligeiramente modificado que vae servir á demonstração.

Para isso espetem-se na grossura do cartão, nas extremidades de dois diametros perpendiculares, quatro bocados de arame delgado de ferro. Fa-

çam-se dois anneis de papel, da largura d'um dedo e com um diametro muito pouco superior ao da rodella de cartão. Mettam-se um dentro do outro, em angulo recto, e collem-se as partes que se sobrepôem as quaes representarão os polos da Terra, podendo-se escrever n'uma *polo norte* e n'outra *polo sul*. Em cada um dos *pólo*s façamos um furo por onde possam passar os dois ramos do fio que atravessa a roda do cartão e a egual distancia dos *pólos* façamos ainda nos dois anneis, uns furos pequenos pelos quaes enfiaremos as quatro pequenas hastes de arame espetadas na circunferencia da roda de cartão. Por cada um dos pólos dos anneis, d'um e outro lado da roda, passemos os dois ramos reunidos do fio que a atravessa. Enfiando n'este as mãos, d'uma parte e outra da roda, demos-lhe a torsão conveniente pelo mesmo modo como o fazem as creanças e, como ellas, pelo movimento rapido e alternado de affastamento e approximação das mãos, façamos girar a roda com grande velocidade.

O que succede? Os anneis de papel nos pontos em que são atravessados pelos fios e nos quaes escrevemos as designações *polo norte* e *polo sul*, approximam-se das faces da roda, emquanto que na circumferencia d'esta elles se affastam visivelmente, escorregando ao longo das hastes de arame de ferro.

Ora o plano da roda representa o equador da Terra, figurando os anneis de papel dois meridianos, pois se cruzam em pólos.

As creanças, á vista d'esta demonstração pratica e simplicissima, comprehenderão immediatamente como

foi que a Terra se achatou nos polos e alargou no equador, sendo facil ao explicador fazer-lhe vêr que a causa não foi outra senão a força centrifuga proveniente do seu movimento de rotação.

NO TEU PEITO...

Aqui tens este lyrio macilento
Que no musgo chorava a sua sorte,
Toda a noite batido pelo vento,
Cheio de dôr no crystallino porte.

Sobre o teu peito embala-o no tormento!
Que n'esse berço claro se conforte!
O pranto em fio esquêça do relento
E pelo escuro as velhas mãos da morte

Que no teu collo o lyrio de setim,
Não lembre mais as noites do jardim,
Ao abandôno e n'um chorar desfeito!

E sôb o sol do teu olhar divino,
O lyrio espere, ahi, o seu destino,
E o seu caixão encontre no teu peito!

ANTONIO DE CARVALHO.

NA ANTA

É Varche, no meio desolador e agreste do campo subjacente a Elvas, um viridente oasis n'um deserto. Repuxam aguas por entre as terras. Ha alamedas de buxos seculares nas quintas de recreio, por onde deveriam passear pares enamorados, com sombras discretas e reconditos esconderijos. Oliveiras tristes abrem a umbella escura da copa das folhagens verdes e baças. Entre a luzerna das campinas e a esmeraldina frescura das pastagens, põem nodoas vermelhas, como borboletas extranhas, papoilas rubicundas. Frondosos laranjaes balsaminam o ar. A estrada larga, desempedida, segue entre os muros das hortas, muito bem caiados e sobre os quaes pousam modestas as madresilvas singellas. D'espaço a espaço uma vereda rasga um curto caminho morrendo n'um brusco estrangulamento eriçado dos emaranhados e espinhosos ramos das silvas carregadas de negras amoras. Pela calada da noite ha o canto dulcido dos rouxinoes acompanhando o derivar sussurrante do arroio transparente. De dia, vindo do largo descortina-se ao longe, o encastellamento das casas d'Elvas, mancha branca espelhando no azul e aprisionada no cinto negro das muralhas denteadas, por onde espreitam minazes as bocas das velhas peças, e rasgado em

espaços largos pelas grossas portas chapeadas abrindo sobre as pontes levadiças.

A' altura do casal das «Conegas» e um pouco para a direita, proximo do ribeiro de Varche, ha uma elevação de terreno com um aspecto curioso. N'ella se implantam raizes de velhos zambujeiros, onde se enxertaram oliveiras, ora frondosas; e entre elles, obliquados, e erguidos do solo, como dentes de drago, levantam-se esteios graniticos de uma côr escura. A herva cobre, n'um tapete fofo, toda a terrosa mamoa.

E' uma velha anta, sem meza, ultimo vestigio de uma edade apagada, submergida pela vaga revolta do tempo. Ao abrigo das suas arvores e no seu circuito fechado descansaram tribus de ciganos. Maltezes fizeram alli o seu leito de uma noite. Os rapazes d'Elvas profanaram o augusto silencio religioso das paragens onde ella demora, guardando fiel as ossadas, os utensilios domesticos e os amuletos sagrados, com o esfusiar alegre das suas esturdias dissolutas.

*

* *

Esmorecia languida uma bella tarde de primavera. Os tons crepusculares começavam a diluir as fórmas envolvendo toda a paysagem n'uma confusa sombra.

Mergulhando na treva, a mamoa com suas arvores e esteios tinha o ar phantastico de um enorme monstro prehistorico, immovel e adormecido. Já no ar brilhavam as estrellas; e n'um ascenso doce de sua-

vidades luminosas, enorme disco reluzente subia mansa e vagarosa a lua, distendendo a imponderavel trama de um prateiado lençol sobre o immenso valle de Varche. Pela vereda relvosa, que conduz á anta, vinha andando uma mulla, de vagar, a passo, chocalhando a guizeira. Receiosa, fez um pequeno reparo que o conductor garboso corrigiu:

— Chó! Russa!

No alto albardão uma rapariga franzida erguia aprumado o busto airoso. Um chale de frocos compridos cingia-lhe o tronco flexivel e apertava na frente n'um largo nó alteiando sobre a curva do seio. Um raio de luar beijou-lhe os loiros cabellos finos. Parando, o homem, atarracado e moreno levantou os braços á altura da exigua cinta da Maria Victoria, que, n'um gracioso movimento abandonado do corpo esguio, se deixou escorregar até ao chão. Olhando-se riram os dois. Elle baixo, de rosto escuro, tisnado, cenhos longos, cilios compridos, a barba negra de azeviche, os olhos muito fendidos, pretos como amoras sylvestres; ella, alta, de uma finura esbelta, as pupillas de um azul vivo, muito branca e muito loira, representavam os dois, os typos distinctos de duas raças differentes. A Maria Victoria era o exemplar perfeito dos dominadores levando á civilisação pelo amor, trazendo ao extranho paiz, a harmonia dos cantos e o mystico sentir das lendas phantasiosas. Viera das terras das brumas e dos sonhos, com visões piedosas a doirar de chymericos ideialismos a excitada imaginação.

O Diogo da Ravasca realisava o descendente dos indigenas primévos, dos seres autóchthones, afferra-

dos com raizes fundas ao sólo, onde nasceram. As suas tendencias amoraveis levavam-n'o a um erotismo contemplativo, manifesto em cantares tristes e vagos de voluptuosa cadencia. O artista impeccavel que elle era, burilando a ponta de canivete complicados motivos decorativos, em polvorinhos grosseiros de pastores, em tarros, em cabos de colheres e sobretudo em quadros complexos de cortiça. Que podeexcepcional de creação! As rosaceas, os corymbos, as tul pas, os cravos, as rosas, os animaes bravios, os javalis rompantes e os galgos afilados tomavam corpo e movimento avolumando dentro da sua minuscula fórma. Mas o Diogo attingia os acumes da perfeição nas confecções delicadas das pequeninas figuras de santos e pastores, d'uma inegualavel correcção de feições, d'uma disposição tam natural que pareciam animadas por um sopro de vida. Era espantoso que tanto fossem essas extraordinarias obras primorosas, trabalhadas com uma preserverante-paciencia, n'uma tosca casca de sobreiro!

A Maria Victoria essa então tinha umas mãos de fada. Os dedos afusados segurando uma agulha comprida elaboravam rendas de uma fina trema, com desenhos complicados, de uma leveza de maravilhar. A percepção aguda e a fidelidade da memoria, conservavam-lhe no cerebro a sensação exacta das minudencias de uma flôr ou das airosas fórmas de uma ave que ella reproduzia com agilidade.

Desde que se encontraram os dois, a triste, ainda creança, abandonada no Falcato por uns titeres, enfermiça, muito delgadinha, mas d'uma graça unica,

nunca mais o Diogo, tomando-a sob a sua protecção sollicita, a abandonou um momento.

Nas suas locubrações artisticas a Victoria gazeiando com a voz fina, n'uma accentuação levemente viciada pelo convivio com os extrangeiros d'onde viera, divertia-o immenso. Sabia ella coisas maravilhosas; historias de féras brutas e más guardando, em castellos inaccessiveis e em horrendas grutas escuras, fracas donzellas indefezas que cavalleiros de rutila armadura e longas pennas nos capacetes brunidos libertavam; de senhores enamorados, com seu gibão de velludo golpeiado, suas calças bi-colores, tangendo alaudes e cantando rimances em côrte d'amor, a galanteiar finamente com donas gentis, a quem escravisavam seus bronzeos corações. E assim lhes corria a vida de terra em terra, de feira em feira, sem um desejo, sem mais ambições que a liberdade immensa da sua despreoccupada existencia.

A Maria Victoria crescera ao lado d'elle, desenvolvera-se, fizera-se mulher, tendo o Diogo para com ella, uma casta discrição, um cuidado sollicito, afastando-a do fermento sensual dos logares, onde faziam o seu negocio, escolhendo sempre os quartos mais tranquillos das estalagens, sem que um pensamento malevolo vincasse uma ruga d'impureza, na calma serena do largo convivio.

*

* *

Entrados na anta, peiada a mulla e solto o albardão, o Diogo tirou-lhe uns largos cobrejões multicores, improvisando uma cama para que leve e socegado

fosse o somno da delicada creatura, que era todo o seu enlevo. Discretamente se retirou para a base conica da mamoa, embuçando-se bem no capote de burel; e, carregando o chapeu copado de aba larga sobre os olhos, aconchegou-se ao solo encostando a cabeça ao rebordo do albardão. Depois escutou um momento e em seguida, como não houvesse outro ruido a não ser o canto sonoro dos rouxinoes de Varche, adormeceu.

Os esteios e as oliveiras formavam como que uma larga cortina densa velando o corpo da Maria Victoria. As estrellas picotavam de luzes mysteriosas o grande docel do firmamento azul.

*
* *

De manhã, com sol nado, o Diogo levantou-se e entrando na anta encontrou a Maria Victoria, de pé, muito risonha, dizendo, levemente descerradas n'um ironico rictus as finas commissuras labiaes:

— Dorminhôco!

Então sem premeditações, sem enleios, nem falsos pudores, deram-se as mãos; approximando-se mais beijaram-se ao de leve na fugaz sensação de uma agradavel caricia. Ella baixou o rosto, n'um casto embaraço. Nos olhos fundos e negros do Diogo radiou o clarão de uma completa ventura. E na mansão sombria da morte, adentro dos esteios do prehistorico sarcophago, o amor triumphal, essencia de toda a vida, unia, confundindo-as, as duas raças affastadas, as duas edades differentes, sob a benção luminosa do ceu!

Eduardo Pimenta.

Theatro de Lisboa

Os versos não me dão bastantes meios
De me gosar das distracções que ha;
Por isso annuncios do theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém, succede ás vezes que um amigo
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vae, diz elle, se não fôr commigo,
E eu vou com elle para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa,
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar.

Se o *Barba Azul*, não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
Mãe, duas filhas, pae ou quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante;
Com tanta cousa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por deante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez.

Contemplava eu o quadro arrependido
De não me ter achado com valor
De conquistar as honras de marido,
E a gloria de ser pae ou de o suppor;

Quando vem uma das commediantes
E por esta engraçada exclamação:
«Se você é seu pae, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba, então!»

Elle começa a rir assim de esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãe começa a rir para a mais velha,
Que desatou a rir para a mais moça;

E eu para todas tres; por achar graça
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

João de Deus.

A Corêa

O imperio da Manhã Serena

A Corea que nos nossos dias foi causa de duas formidaveis guerras nos mares do Extremo Oriente, e que ainda ha pouco deu que fallar de si pela abdicação do imperador, é o paiz classico das tragedias sangrentas, invasões, revoluções e conspiratas O povo coreano habituou-se a considerar essas desgraças nacionaes com a mais completa indifferença, perdendo o gosto pelo trabalho e apparentando uma inconsciencia de irracionaes. E' porém de esperar que sob a impulsão dos japonezes entre no caminho da actividade e do progresso.

Ha pouco tempo ainda annunciou o telegrapho que o velho imperador da Corêa abdicou em seu filho, forçado por uma conjura urdida no palacio imperial. A noticia não surprehendeu decerto, nem podia ter surprehendido, quem conhece um pouco da historia d'aquelle malfadado paiz. O reinado do ultimo imperador foi amiudadas vezes perturbado por conspiratas palacianas que, em geral, redundaram em dramas sanguinolentos de portas a dentro, repercutindo-se fóra em tumultos e sangueiras. Muitas vezes se viu o imperador Li-Hsi obrigado a refugiar-se, para salvar a vida, ora na legação da China, ora na da Russia. E a historia da Corêa é toda

assim, ha muitos annos, ha alguns seculos até, uma serie ininterrompida de conspirações tramadas na sombra dos corredores do palacio imperial e de invasões e massacres horriveis commettidos por exercitos estrangeiros, ora chinezes, ora japonezes.

A origem d'esses acontecimentos, tanto dos occorridos no palacio, como dos que provieram d'além fronteiras foi sempre a mesma, a rivalidade da China e do Japão a disputarem a supremacia na Coréa que a primeira considerava como o prolongamento natural do seu territorio e o segundo como uma dependencia necessaria á expansão da sua actividade. São dos nossos dias os ultimos episodios d'essa lucta que vieram a desfechar na guerra chino japoneza de 1895, lucta que renasceu poucos annos depois, mas então entre o Japão e a Russia, e da qual resultou tambem, como se sabe, a ultima guerra do Extremo Oriente.

Não é difficil filiar ainda n'essas rivalidades a conspirata que ha pouco tempo nos annunciou o telegrapho e que levou o imperador coreano á abdicação.

Victoriosos em ambas as guerras, os japonezes, ficando sem competidores, reduziram a Corêa, sob o ponto de vista politico e administrativo, á condição do Egypto. O imperador coreano, porém, que nunca foi affecto aos japonezes, fingiu não perceber a sua nova situacão e mandou uma deputação á ultima Conferencia de Haya. Esta não admittiu os delegados coreanos, como se sabe, mas o Japão viu n'esse acto do imperador mais uma manobra determinada por influencias inimigas da suserania nipponica. A abdicação não se demorou e essa abdicação poz ponto á

serie de conflictos, cuja historia é assaz curiosa, determinados, durante o reinado de Li-Hsi, pela lucta dos partidos rivaes.

Li-Hsi foi casado com uma formosa mulher de nome Taou-Lang-Da o que exercia no seu animo uma grande influencia. Apparentada com as mais

Typo coreano.

nobres familias chinesas a imperatriz da Corêa representava na sua côrte o partido da China.

O pae de Li-Hsi, de nome Tai-Ouan-Koun, estava porém comprado pelos japonezes e o pobre Li-Hsi debatia-se irresoluto entre a influencia do pae e a da esposa. Venceu esta afinal, mas Tai-Ouen-Koun é que se não deu por vencido, e, jurando a morte da

imperatriz, fez em 1882 invadir o palacio imperial por uma horda de sicarios. A imperatriz salvou-se a muito custo disfarçada com os vestidos da mulher d'um soldado da guarda e o imperador fugiu quasi nú para a legação da China. Ao mesmo tempo um bando de individuos armados atacou e saqueou a legação do Japão.

As tropas chinezas correram logo da fronteira a Seul para proteger o imperador e uma esquadra japoneza fundeou em Fusan.

Os revoltosos foram massacrados e, restabelecida a tranquilidade, o imperador voltou para o palacio mas, não se atrevendo a mandar prender e condemnar o pae e temendo que elle attentasse de novo contra a vida da imperatriz, fez passar esta por morta.

Os chinezes não tinham porém os mesmos motivos para contemplações com Tai-Ouen-Koun. Attrahiram-no á legação, convidando-o para um banquete, embriagaram-no e em seguida prenderam-n'o expedindo-o logo para Chemulpo, onde foi embarcado n'um cruzador chinez e depois internado em Páo-Ting-Fou. A imperatriz da Corêa *ressuscitou* então, com grande espanto dos coreanos que a julgavam realmente morta.

Um anno depois foi o palacio de novo invadido e ainda d'esta vez só a grande custo escaparam a imperatriz por uma porta secreta e o imperador fugindo ás costas d'um serviçal dedicado para o acampamento das tropas chinezas.

Entretanto voltara Tai-Ouen-Koun da China a pedido do imperador, mas, infelizmente, Li-Hsi teve mais

tarde motivos de sobra para se arrepender da sua generosidade filial.

De facto Taï-Ouen-Koun que, apoz o seu regresso, se conservou algum tempo tranquillo, parecendo que abandonara de todo os seus planos, não soube resistir por muito tempo ás instigações japonezas sempre

Cadeirinha coreana

acompanhadas do argumento convicente do oiro. De novo se travou entre pae e filho uma lucta de morte, que tomou um aspecto differente das anteriores, não se manifestando em conspirações palacianas, mas sim por attentados isolados, revestidos da apparencia de crimes vulgares perpetrados pela escoria social, procurando cada um dos contendores fazer desapparecer

o outro, a salvo de suspeitas. Em 1892 uma bomba rebentou no quarto de cama de Taï-Ouen-Koun que só por milagre escapou illeso. Li-Hsi, vendo que a tentativa se frustara, e querendo desviar da sua pessoa as suspeitas e, sobretudo, a vingança do pae que previa terrivel, fez esquartejar uma vintena de *colies* como autores do attentado. Taï-Ouen-Koun fingiu acreditar na culpabilidade d'esses desgraçados e agradeceu a seu filho, com demonstrações publicas, a maneira como o tinha vingado. Mas em 1894 recebeu o imperador a resposta. Tendo ido com os seus ministros offerecer o sacrificio annual aos tumulos dos seus antepassados uma explosão horrivel fez desabar uma parte do Pagode. Li-Hsi escapou milagrosamente; só um dos ministros morreu. Taï-Ouen-Koun que, segundo o costume, devia assistir á cerimonia, não compareceu d'essa vez sob pretexto de se encontrar doente.

O imperador, não se atrevendo ainda a fazer prender e condemnar seu pae, prendeu todavia os seus principaes cumplices e mandou-os esquartejar. As cabeças de tres d'elles foram expostas ao publico suspensas d'um poste e Taï-Ouen-Koun foi convidado a ir contemplal-as. A ameaça que este convite envolvia não o intimidou e logo em 1895 elle teve artes de promover uma conspiração que deu origem a graves tumultos e serviu de pretexto para a intervenção dos japonezes que se apresentaram em Seul para proteger a pessoa do imperador, mas na realidade para se apoderarem do palacio, como fizeram.

D'esta vez não escapou a formosa imperatriz. Des-

coberta atraz d'um reposteiro de sêda foi apunhalada e arrastada ainda viva para o jardim, onde, deitando-lhe petroleo, a queimaram! E com receio de que tivessem confundido a imperatriz com outra mulher do paço, esquartejaram na manhã seguinte, por precaução, todas as mulheres que alli viviam. Esse receio não deve admirar, sabendo-se que apenas um numero muito restricto de coreanos conheciam a imperatriz e esses eram talvez quasi todos do seu partido.

Com effeito as successivas conspiratas palacianas e os repetidos attentados tinham introduzido de ha muito na côrte da Corêa o uso de precauções rigorosas para garantir a segurança das pessoas dos soberanos. Segundo esses usos a imperatriz, nunca sae do palacio e, ahi mesmo, limita a sua vida a um certo numero de aposentos. O imperador, esse sae uma vez por anno apenas, no dia destinado ao sacrificio sobre os tumulos dos seus antepassados. Mas, n'esse dia, do trajecto do soberano são expulsas todas as pessoas, as portas das lojas e as janellas das casas são hermeticamente fechadas e selladas e se por ventura no caminho se encontra alguma casa com primeiro andar, o que é raro em Seul, esse primeiro andar é deitado abaixo dias antes, porque é defeso a todos os mortaes olhar de alto o imperador coreano.

Queimada a imperatriz os conspiradores quizeram forçar Li-Hsi a assignar um decreto declarando-a culpada de alta traição e condemnando-a, mas o pobre imperador teve n'essa occasião um assomo de energia, o unico talvez de toda a sua attribulada vida

e respondeu que preferia que lhe cortassem a mão Os conspiradores respeitaram esse sentimento, mas o decreto appareceu apezar de não ter sido assignado.

Li-Hsi, percebendo afinal que os seus visinhos amarellos eram tão bons uns como os outros, aproveitou o primeiro ensejo que se lhe offereceu e refugiou-se na legação da Russia. Ahi permaneceu seis mezes e á sua custa aprendeu que os brancos não são melhores que os amarellos. Durante esse largo intervallo de tempo, arrancou a Russia todas as concessões que lhe aprouve ao pobre Li-Hsi que d'ahi por deante se viu obrigado a continuar entre o Japão e a Russia a mesma politica hesitante que adoptara entre a China e o Japão.

E assim esse paiz cujo nome na lingua indigena tem um significado poetico e encantador, o imperio da Manhã Serena, não tem logrado gozar um momento tranquillidade, victima da ambição voraz dos seus visinhos. E o mais curioso é que se não encontra no mundo outro paiz que mais pareça talhado pela natureza para uma vida feliz e serena, livre de receios da intervenção de estranhos. Com effeito, a Corêa é uma longa peninsula com uma superficie egual a duas vezes e meia a de Portugal, approximadamente, que do lado que pega com a terra chineza, é defendida naturalmente por uma longa cadeia de montanhas quasi inaccessiveis, eriçada de picos que na sua maioria attingem 2700 metros de altura, e do lado do mar orlada de uma costa quasi inabordavel na qual se contam apenas tres portos razoaveis. Chemulpo, Fusan e Gensan que, ainda assim, deixam muito a desejar

sob varios pontos de vista attinentes á navegação. Pois esse paiz que pelas condições naturaes do seu territorio parecia destinado a viver isoladamente do resto do mundo, o que representa a suprema aspiração dos coreanos, tem sido em todos os tempos o campo de selvagens depredações e horriveis massacres. A tradição coreana conserva uma lugubre recordação de algumas d'essas invasões de estrangeiros, especialmente da commandada em 1592 pelo general japonez Touishi Yukinaga que á frente de 200000 homens se estabeleceu durante tres annos n'aquelle malfadado paiz, praticando as mais barbaras atrocidades de que ha memoria, chegando a sua ferocidade até ao ponto de enviar para o Japão, como tropheu das suas victorias, conservados em barris com sal, as orelhas e os narizes de 39.000 coreanos! Ainda hoje a Roma japoneza, Kioto, o Monte das Orelhas recorda pelo seu nome a extraordinaria selvageria.

Da parte dos coreanos encontraram quasi sempre os invasores a mais absoluta indifferença pela sorte de seu paiz. O povo coreano é, na verdade, o povo mais preguiçoso do mundo inteiro. A'parte uma rudimentarissima agricultura, as profissões preferidas pelos coreanos são a de *coolie* e de vendedor ambulante e, desde que no seu exercicio grangeiam o necessario para comprar o seu arroz de alguns dias, entregam-se logo ao passa tempo, para elles extraordinariamente agradavel, de vêr trabalhar os outros. De resto, elles teem até certo ponto razão, pois se, por excepção, alguns d'elles se mettem em especulações de que lhes advéem grossos cabedaes, basta

que isso conste nas regiões governativas para serem logo intimados, sob pena de severo castigo, a entrarem em breve praso no thesouro publico com avultadas quantias, e este curioso e original meio de lançamento de impostos redul-os, em geral, á miseria primitiva. Não vale pois a pena ralarem-se e d'ahi a inercia, a indifferença que muito se assemelha á inconsciencia dos brutos, que constitue o traço caracteristico das manifestações de vida social dos coreanos. E todavia estes são individuos solidamente constituidos, altos, vigorosos, desempenados, com os olhos horisontaes, apresentando, sob o ponto de vista da constituição physica, uma superioridade marcada sobre os chinezes e japonezes. Mas a preguiça, a tradicional preguiça, não lhes consente a reação contra o jugo oppressivo dos estrangeiros. Não lhes tirem o longuissimo cachimbo do qual aspiram durante horas esquecidas longas espiraes de fumo, sentados tranquillamente na esteira, e tudo vae bem.

Resta saber se, sob a influencia progressiva dos japonezes, o marasmo actual dos coreanos se não converterá a breve trecho em febril actividade e se nós não presenciaremos com espanto a transformação rapida da Corêa, como já assistimos á do Japão.

A engeitada

Ao romper d'aurora, d'uma manhã invernosa, a neve caindo em flócos, toda a natureza silenciosa e recolhida, saía d'um casebresinho uma criança que pouco mais teria que oito annos.

Tiritava com frio e chorava com fome, toda esfarrapadinha, não se sabendo se era uma saia que vestia, se eram farrapos a cingirem-lhe a cinta.

Os bracitos magros, descarnados, eram cobertos d'onde em onde, por uma camisola suja e cheia de rasgões.

Levava na mão uma saca ainda vasía. Que miseria! Fazia dó a innocentinha!

Ia pedir esmóla para a villa. Tão pequenita e tão desgraçada já n'este mundo!....

Não tinha paes que lhe dessem o seu bafejo.

E' bem triste só esta idéa! Pobre criatura!

Quantas vezes a pobresinha, sem saber, sem conhecer os entes que lhe deram a existencia, sonharia com quem lhe podesse ministrar um doce amparo, com um seio onde recostasse a sua cabecinha cançada e com um coração a que podesse abrir o seu!

Mas de repente lembrava-se que tinha uma criatura a quem chamava mãe.

E chorava por vèr a crueldade com que a tratava.

E' porque, ai d'ella! se á noite não lhe entregasse a quantia que desejava!

No intimo, a desgraçadinha chorava, e uma voz segredava-lhe:

— Não chores. Deus véla pelos innocentes e ha de por isso amparar-te. Confia n'elle.

E n'essa manhã, triste e invernosa, a pequerrucha encaminhava-se para a villa. Ia lacrimósa.

— Deus seja comigo — dizia ella, com fé.

Quando lá chegou já o dia ia alto.

Bateu a muitas portas. Alguem dizia-lhe:

— Vae-te embora, criança. Não póde ser. Nosso Senhor te favoreça.

Outros, com mau humor, não conhecendo as inclemencias, não olhando bem para a criancinha, não se condoendo das suas dores, diziam-lhe:

— Vai trabalhar.

E a criança retirava-se sem cinco réis, sem uma migalha de pão na sua saquinha.

Pôz-se a chorar encostada a uma porta. A noite ia descendo pouco a pouco e parecia que só as estrellas que iam doirando o céo, é que lhe segredavam alentos. Era longe o caminho para a sua casa e ella já não tinha forças para se arrastar mais. O frio enregeláva-a e a fome consumia-a. E depois tinha mêdo que essa mãe emprestada, que era má, que não tinha coração, nem alma para ella, a batesse brutalmente como tantas vezes fazia.

E foi então que a essa porta parou uma carruagem, ostentando toda a grandeza. Saíu uma senhora ricamente vestida e toda a sua apparencia indicava bondade.

A pequenita estendeu-lhe as mãosinhas descarnadas, a tremer de frio e de fome.

A senhora sentiu como que um calafrio ao encontrar assim um quadro de verdadeira miseria.

— Dê-me esmolinha, minha boa senhora, pelo amor de Deus! Já é muito tarde e eu queria ir para casa, senão batem-me. Ainda hoje não comi um bocadinho de pão!...

E a criança chorava tanto que cortava a alma.

A caridosa dama metteu-a no seu carro, abafou-a com as suas ricas pelles, que lhe tinham agasalhado os pés.

Fez o mais depressa possivel a sua visita, e entrou novamente na sua carruagem.

Preguntou á criança onde era a sua casa e fez conduzil-a lá.

Pelo caminho a boa senhora preguntou:

— Então, minha filha, quem é essa criatura que tu tanto temes que te bata? E' tua mãe ou teu pae?

— Eu não tenho pae, minha senhora. Quem me bate é uma mulher muito má a quem eu chamo mãe

E ella não é tua mãe?

— Não sei, minha senhora.

— Nunca conheceste teu pae?

— Ah! nunca o conheci, minha boa senhora. Tenho tanta pena d'isso!... Se o tivesse, elle não deixaria que ella me tratasse tão mal.

E a criança começou a chorar muito.

— Não chores, minha filha, que ainda has de ter no mundo quem seja por ti.

E a criancinha cada vez chorava mais, commovida com o acolhimento e com as meigas palavras que lhe dava tão boa alma. Nunca ninguem lhe tinha assim fallado.

— Como é tão boa, tão santa, minha senhora, — disse a criancinha. Deus lhe pague tudo.

Logo que avistou o misero casébre, a senhora mandou parar o carro e apeou-se com a criança.

— Bem, minha filha, eu quero certificar-me da barbaridade d'essa criatura. Entra em casa, como de costume, que eu sigo-te Diz-lhe logo que não levas nada que eu quero ver o que ella te faz.

O' minha boa senhora, mas não me deixe bater! Olhe que hoje tenho a infelicidade de não levar nada, nem mesmo um bocado de pão. Ella mata-me!

— Socega, criança, que eu não te deixo bater.

A pobresinha, a tremer com susto, bateu de leve á porta e hesitou a entrar. Então de dentro, uma mão brutal agarrou-lhe pelos cabellos e introduziu-a no casébre. E com uma voz de féra:

— Já sei que não trazes nada!... Já sei, minha cachôrra! Vejo a saca vazia. Hoje vou fazer-te o que te tenho promettido ha tanto tempo. Vou quebrar-te um braço.

E já ia para pegar n'um grande páu, quando a criança soltou um grito dilacerante.

— Acuda, minha boa senhora, acuda!...

Tal foi a furia com que a féra arrastou a criança

para dentro de casa, que se esqueceu de fechar a porta.

Appareceu logo a senhora. Arrancou-lhe das mãos a criancinha.

— Vou já chamar a auctoridade para que tome conta de si e levarei commigo esta innocente. E' ella sua filha? perguntava com voz trémula de desespero.

E a barbara mulher sentia-se esmagada com a voz d'aquelle corpo tão delicado, e com o olhar penenetrante e vivaz, que lhe queria ler no interior se realmente era filha ou não.

— Responda!... disse imperiosamente a senhora. Senão, o castigo que vae ter será mais sevéro.

Foram tão atordoadoras estas palavras, para aquelle espirito embrutecido, que repentinamente caiu aos pés da boa senhora, implorando-lhe compaixão.

Então, pela primeira vez rolaram-lhe lagrimas pelas faces e um fremito de arrependimento fez-lhe soltar dos labios palavras angustiosas.

— Eu tenho sido muito má para essa criança, tenho! Não sou mãe d'ella, minha boa senhora, não sou, não! Fui tirá-la ao hospicio. Nunca eu a tivesse tirado!

Levante-se, por confessar a verdade, que eu serei indulgente para comsigo. Eu logo adivinhei que não era sua filha, porque não ha no mundo uma mãe que maltrate um filho como você maltratou esta innocentinha. Não tem coração, náo tem n'essa alma um raio de luz que a faça sentir ou conhecer o santo amor d'uma mãe!

A senhora tomou agora a criancinha pela mão.

— Levo-a para mim e será tratada sempre como são os meus filhos. E a si não a entregarei á justiça dos homens; deixal-a-hei sósinha com os seus remórsos. Isso lhe bastará.

A engeitada lá foi com a sua nobre protectora e viveu sempre feliz, unida por Deus áquella tão cheia de bondade, que a tratava como aos proprios filhos.

E a engeitadinha foi-lhe eternamente grata, porque só nella é que encontrou o afágo sublime d'uma mãe.

Não passou muito tempo sem ouvir dizer que os remorsos mataram aquella mulher que foi tão cruel para ella.

D. Maria Figueirinhas.

ENYGMA POR INICIAES:

234

H	H	A	M	Q	I
2	3	2	2	1	5

(Ignaro).

CHARADA EM PHRASE

235

Dei um passeio e... confusó vejo um vagabundo — 2-2.

(Zephiro).

Sombras com movimento em sentido contrario

O que em seguida dizemos habilita os nossos leitores a divertirem-se com algumas pessoas amigas com que por acaso se encontrem reunidos á noite, submettendo-lhes um problema cuja resolução mais de uma pessoa declarará impossivel, sendo aliás facillima.

O problema poderá ser assim enunciado: «Fazer com que uma rodella de cartão projecte na parede duas sombras circulares que se movam em sentido contrario.»

Corta-se uma rodella de cartão dentada, dentes bastante largos, e fixa-se pelo centro com um alfinete á extremidade de uma regua que se segura verticalmente. Collocam-se sobre uma meza á distancia de um metro, pouco mais ou menos,

uma da outra, duas velas accesas, dispostas n'uma linha parallela á superficie da parede.

Se se segurar a rodella de cartão verticalmente, a

egual distancia das velas, e entre estas e a parede, apparecerão n'esta duas sombras circulares dentadas; se fizermos mover a rodella de cartão em torno do alfinete, as duas sombras da parede mover-se-hão tambem, mas no mesmo sentido.

Que é pois necessario fazer para que as sombras se movam em sentido contrario? Uma coisa simplicissima, collocar a rodella de cartão não parallelamente, mas sim perpendicularmente á parede. N'este caso, porém: succederá geralmente que as sombras revestirão a forma elliptica e o enunciado do problema exige que ellas sejam circulares.

Por tentativas, approximando ou affastando da parede a rodella de cartão, encontraremos forçosamente um posição em que as sombras projectadas serão circulares. E dizemos forçosamente, porque cada uma das velas forma com a sombra que lhe corresponde, um cone obliquo, e nós sabemos que os cónes obliquos, teem duas especies de secções que são circulares, umas, que correspondem ao nosso primeiro caso, parallelas á base e outras, correspondèntes ao nosso segundo caso, que se chamam anti-parallelas, representando a nossa rodella em ambos os casos a secção. Em conclusão, collocando a rodella de cartão perpendicularmente á parede, entre esta e as velas e a egual distancia de cada uma d'estas, e procurando por tentativas a posição em que as sombras são circulares, se fizermos mover a rodella de cartão, as sombras mover-se-hão tambem mas d'esta vez em sentido contrario, como exige o problema.

Visita á floresta

Que frescura meu Deus, e que deslumbramento!

Sancho Pança, vae pôr a albarda ao teu jumento,
E conduze-o depressa aqui para eu montar.
Embebeda-me o azul, o céu, a terra, o mar!
Descalcem-me o coturno heroico da epopeia.
Não sei que cotovia olimpica gorgeia
Dentro de mim; não sei que hilaridade é esta!
Satura-me o vigor profundo da floresta,
E debaixo do azul purissimo, sem nuvens,
Sinto-me transbordar, como um titan de Rubens,
N'uma expolsão de força atletica, purpurea!
Entra-me nos pulmões a latejar com furia
Este excesso de vida immensa que atordôa! ..

....

Dae-me um tyrso virente e uma merenda boa,
Que me quero perder nas solidões da mata.
Leva-me tu, Virgilio, o burro pela arreata.

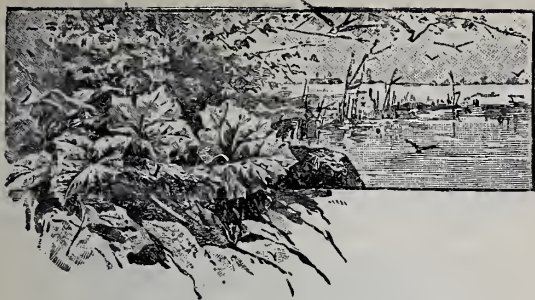
....

O' clareiras do bosque! ó penumbras sagradas!...
Como o sol entra aqui a rir ás gargalhadas,
E como a natureza é virginal e é pura!
A alma se me esvae, fundida de ternura,
Em murmurios d'amor, em extasis de crente! ..
Como isto moralisa e divinisa a gente!

Dá-me vontade de ir subindo essas encostas,
Ajoelhando, a beijar a terra de mãos postas!
Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,
Ser perfume no lirio e ser vigor na féra,
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flores,
Com as aguias voar no oceano do infinito,
Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
De fórma que eu andasse, em atomos disperso,
No céu, no mar, na luz, na terra — no universo!

....

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,
Entre a vida brutal das arvores gigantes
Levantando ao azul os pulsos seculares,
Entre as vegetações frescas de menufares,
De catos, de jasmins, de silvas, de roseiras,
De serpentes em flor — isto é, de trepadeiras,
A crescer, a romper da terra funda, escura,
Debaixo d'esta rica egreja de verdura,
Trespassada da luz cruel do sol faminto,
O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,
Sinto bem que nasci do teu enorme flanco,
E que o homem e o tigre e o cedro e o lirio branco
São filhos a quem dás de mamar no teu seio
Eternamente bom e eternamente cheio!

GUERRA JUNQUEIRO.

MARECHAL SALDANHA

Não é só no periodo glorioso dos descobrimentos e das conquistas de além mar que a historia portugueza regista nomes de homens illustres que prestaram á sua patria brilhantes serviços com o seu talento, com a sua coragem ou com a sua espada. Antes e depois d'aquelle periodo conta felizmente a nação portugueza muitos homens notaveis sob varios pontos de vista que engrandeceram e illustraram a sua patria deixando nome glorioso nos fastos da politica, das sciencias, das artes, da guerra, etc., e, se não são universalmente conhecidos como outros, estrangeiros, que se lhes não avantajam, é sómente porque, sendo o nosso paiz muito pequeno, sem nenhuma ou quasi nenhuma influencia nos destinos do mundo, os seus homens e as suas coisas não despertam aos outros paizes interesse de maior e os actos d'aquelles não teem porisso a retumbancia dos actos

praticados pelos homens mais notaveis das grandes potencias.

O marechal Saldanha cujo grandioso vulto nos suggeriu estas ligeirissimas considerações, teria sido em qualquer paiz do mundo um grande e illustre general. Tinha a intuição e decisão rapidas de Napoleão e, como elle, possuia o segredo de suggestionar os seus soldados a ponto de estes o seguirem para toda a parte, fosse para onde fosse, com a certeza absoluta de que, seguindo-o, caminhavam para a victoria; e essa confiança cega dos seus subordinados é ou deve ser a synthese de todas as aspirações d'um militar de valor. Quando, chamado por D. Pedro IV ao Porto, Saldanha observou as linhas de defeza, logo viu, com a intuição que lhe era peculiar, o erro commettido pelo general francez Solignac em abandonar ao inimigo, na esquerda da linha, o monte do Pinhal que, dominando a Foz do Douro, interceptava aos sitiados a unica via de communicação com o exterior, pondo-os em risco imminente de capitulação pela fome. E, logo que isso viu, nada se importou com a teimosia do general francez e, mesmo contra as suas ordens expressas, atacou o Pinhal e apoderou-se d'elle, salvando os sitiados e a causa que elles defendiam. Este facto salienta d'uma maneira frisante os traços caracteristicos do genio militar de Saldanha a que acima alludimos, intuição e decisão rapidas, auxiliados por uma audacia que não conhecia limites, sem preoccupações de formalismos, nem considerações pelas mediocridades que o acaso lhe deparava hierarchicamente superiores. Não quer isto dizer que Sal-

danha fosse um insubordinado. Nenhum acto da sua vida militar, considerada isoladamente, auctorisa tal asserto.

Mais tarde salvou de novo o Porto em circunstancias bem criticas; então era já chefe do estado maior general, ou antes, commandante em chefe do exercito

Marechal Saldenha

sitiado, pois que o commando de D. Pedro IV era puramente nominal. O commando do exercito miguelista estava confiado ao general francez Bourmont que gosava d'uma grande reputação militar, fundada na brilhante campanha que dirigira contra a Argelia.

A 25 de julho de 1833 o general Bourmont ordena um ataque geral ás linhas do Porto. Pela primeira

vez vão medir-se o vencedor da Argelia e o general Saldanha. Este conscio do seu talento foi talvez o unico que não se intimidou. D. Pedro IV julgou a sua causa completamente perdida. O exercito miguelista atacou em grande força a esquerda da linha que Saldanha defendeu brilhantemente, concentrando alli as suas forças, mas os miguelistas repellidos na esquerda, atacaram com encarniçamento a direita da linha. Saldanha, prevendo o movimento corre á desfilada para Campanhã e, na verdade, encontra o inimigo já dentro do Porto, levando de vencida o regimento belga que defendia aquelle ponto. O perigo é imminente e o momento muito critico. Não é possivel reunir uma força qualquer de soccorro, porque da esquerda da linha ali é longe e as circunstancias exigem uma decisão rapidissima. Saldanha não hesita. Quando é preciso o brilhante general transforma-se n'um valente soldado. O seu genio militar approximava-o de Napoleão, mas elle reunia ás qualidades d'este o espirito de aventura que caracterisou Garibaldi, e que, como o valente caudilho italiano apurou, n'uma brilhante campanha em Montevideu.

Lembrando-se das façanhas que ali praticára, desembainhou a espada e só com o seu estado maior e a sua escolta de lanceiros fez frente ao exercito sitiante, obrigando-o a recuar para as suas linhas. Foi um acto sublime. Em torno de Saldanha, os officiaes do seu estado maior cahiam todos uns apoz outros, n'uma verdadeira hecatombe. Elle bem firme na sélla continuava batalhando, parecendo que as balas e as cutiladas do inimigo tinham receio de o attingir. A sua espada

com movimentos rapidissimos abatia-se furiosamente sobre as cabeças dos inimigos que de todos os lados o assediavam. A espada parecia de fogo e a figura épica de Saldanha assemelhava-se á do anjo do exterminio O inimigo fugiu por fim em debandada e a attestar o extraordinario feito ficou apenas o nome da rua que liga Campanhã á cidade do Porto — rua do Heroismo —. O vencedor de Argel teve que se confessar vencido. Na realidade Saldanha valia muito mais que elle.

Impossivel é traçar no pequeno espaço de qué dispomos, a biographia de Saldanha.

A sua vida publica offerece o duplo aspecto de guerreiro e de homem de estado, e, tanto no campo de batalha como na arena das luctas politicas, a sua figura salienta-se d'um modo notabilissimo, occupando um dos primeiros logares, senão o primeiro, entre as figuras primaciaes da nação portugueza no seculo passado.

Para o considerar sob o aspecto politico, com toda a imparcialidade, é talvez cêdo ainda. A vida politica d'um individuo decorre n'um mar revolto de paixões, ateiadas pelos principios, ideias e interesses em conflicto e Saldanha é uma figura quasi dos nossos dias. Existem ainda muitos portuguezes que o conheceram e poderam admiral-o. Porisso fugiremos de o apreciar sob esse ponto de vista e sómente aludiremos a acontecimentos d'essa natureza em que elle se tenha envolvido, quando a sua carreira militar e a sua vida de politico se confundirem de modo tal que seja impossivel deixar de considerar simultaneamente os

dois aspectos, o que, de resto, succederá frequentes vezes, porque Saldanha usou e abusou do enorme prestigio da sua espada para execução dos seus planos politicos.

Saldanha era filho do morgado de Oliveira e neto pelo lado materno do grande ministro Marquez de Pombal.

Aos 16 annos era capitão, em virtude de um decreto que estatuia que esse seria o primeiro posto dos filhos dos conselheiros de Estado que se alistassem no exercito. Um anno depois pediu a demissão que lhe foi dada em janeiro de 1808, porque não quiz ficar ao serviço sob as ordens dos francezes que haviam invadido e conquistado o reino e foi alistar-se entre os que conspiravam contra o dominio estrangeiro. N'esse mesmo anno desembarcou em Lavos o exercito inglez e Saldanha correu a juntar-se aos soldados que se agrupavam em torno do general Freire de Andrade, sendo reintegrado no seu posto. D'ahi por deante a sua carreira militar é uma serie ininterrupta de feitos brilhantes e Wellington e Beresford tinham pelo joven official uma alta consideração da qual por mais d'uma vez lhe deram demonstrações publicas e honrosas.

Em 1812, com 22 annos de edade, era Saldanha já major e de tal modo se portou n'esse anno na batalha de Salamanca que foi promovido a tenente coronel com preterição de 23 majores alguns dos quaes inglezes.

N'esse posto, sendo o mais moderno de todos, foi escolhido para o commando d'um regimento cujo coronel morrera. O exercito anglo-luso estava então

em territorio francez. Saldanha houve-se de tal modo, no commando do seu regimento, na batalha de Nive que o general inglez não hesitou em confiar-lhe o commando d'uma brigada que havia vagado e, como adoecesse então o general commandante de outra, foi ainda o commando d'est'outra confiado a Saldanha que se viu assim, aos 23 annos, com o posto de tenente coronel, investido no commando da divisão que formou a esquerda do corpo de exercito que cercou Bayona.

Dois annos depois de terminada a guerra peninsular, resolvida a expedição de Montevideu, foi Saldanha escolhido para n'ella tomar parte e promovido a coronel para o commando do 1.º regimento de infantaria. O inicio da campanha foi facil e rapido, entrando os portuguezes em Montevideu sem grande difficuldade, mas a guerra de guerrilhas que se seguiu e que durou 5 annos foi terrivel e n'ella teve Saldanha occasião de patentear muitas vezes o seu altissimo talento militar e o seu extraordinario valor pessoal. Era então brigadeiro e commandava uma columna ligeira de cavallaria que todos os dias tinha de se haver com numerosos inimigos que lhe appareciam de surpreza e que desappareciam rapidamente como se tinham mostrado. Saldanha punha-se á frente da sua columna e carregava furiosamente os terriveis *gaúchos*. N'uma manhã deu elle cinco cargas. N'outra occasião, tendo-lhe morrido o cavallo, defendeu-se a pé com toda e energia.

Quando, já velho, lhe recordavam os seus brilhantes feitos da guerra peninsular, Saldanha referia-se

sempre a esta campanha de Montevidéu. «O que ali se fez», dizia elle.

Saldanha era capitão general do Rio Grande do Sul quando rebentou o movimento separatista do Brazil. Não adheriu e retirou para Lisboa, apezar das tentadoras promessas com que D. Pedro pretendeu ganhal-o á sua causa, offerecendo-lhe o cargo de major general do exercito brazileiro e a propriedade de vastissimos terrenos. Tinha então 32 annos.

Em 1825 foi nomeado governador das armas do Porto. Um anno depois morreu D. João VI, succedendo-lhe D. Pedro que enviou do Brazil a Carta Constitucional, mas como a infanta regente D. Isabel Maria protelasse o seu juramento, começaram a accentuar-se as manifestações de desagrado, assumindo maior importancia as do Porto. Saldanha escreveu ao ministro da guerra e á regente instando pelo juramento e, como isso não bastasse, enviou a Lisboa o coronel Pinto Pisarro com a incumbencia de instar junto do ministro da guerra pelo juramento da Carta e de convidar os commandantes dos corpos da capital a dirigirem-se no mesmo sentido á regente. Esta cedeu então e a cerimonia foi marcada para o dia 31 de julho. A 3 de agosto foi Saldanha chamado para a pasta da guerra e d'ahi data o inicio da sua vida politica, frequentemente interrompida por largos periodos de exercicio de funcções diplomaticas.

A nomeação de D. Miguel para regente do reino determinou Saldanha a emigrar para Inglaterra nos fins de 1827, na previsão de que ia restabelecer-se o absolutismo e os acontecimentos deram-lhe razão.

Ao exilio chegou porem a noticia de que a guarnição do norte do paiz não acceitara o absolutismo de D. Miguel e se insurgíra, e ahi veio para o Porto Saldanha, acompanhado dos generaes Stubbs e Azevedo e do diplomata que depois foi duque de Palmella no vapor *Belfast*. Tomou o commando das tropas insurrectas, postou-as em Grijó, emquanto Stubbs se fortificava em Vallongo, mas de repente Saldanha e os seus companheiros embarcaram precipitadamente no *Belfast* e partiram de novo para Inglaterra, sem que nunca se soubesse a razão d'essa fuga, abandonando as tropas que tiveram que internar-se na Gallisa sob o commando de Sá da Bandeira que n'essa retirada mostrou o seu alto valor de chefe militar e illustrou o seu nome.

O prestigio de Saldanha nada soffreu todavia com o caso inexplicavel de *Belfast* e nos fins de 1858 organisou elle em Plymouth uma expedição para soccorrer a ilha Terceira. A diplomacia de Palmella arrancou ao governo de lord Wellington que por debaixo da mão favorecia a causa de D. Miguel, auctorisação para a expedição partir sob condição de sahir desarmada de Inglaterra. Mas chegada ás aguas da Terceira, quando Saldanha se preparava para desembarcar, surgiram duas fragatas inglezas sob o commando do commodoro Walpole que, sem mais nem mais, metralharam os navios portuguezes. Saldanha protestou energicamente, Walpole respondeu que tinha ordem do seu governo para impedir o desembarque da expedição e Saldanha replicou que, n'esse caso, elle e os seus homens se constituiam prisionei-

ros do governo britannico. Walpole viu-se muito embaraçado, porque o governo inglez, desejando praticar a violencia, não queria todavia assumir essa responsabilidade perante a Europa. Mas Saldanha persistiu no seu intento de, ou desembarcar, ou ficar prisioneiro da Inglaterra, e Walpole não teve outro remedio senão escoltar os navios portuguezes até ao cabo Finisterra, desembarcando a expedição em Brest. O caso produziu enorme sensação em toda a Europa, repercutindo-se nos parlamentos francez e inglez com acres censuras para o governo britannico e grangeando geraes sympathias a Saldanha cujo nome se tornou universalmente conhecido.

Em França privou Saldanha com os homens mais eminentes dos partidos democraticos e para se sustentar escrevia no *Nacional*, jornal dirigido por Armando Carrel, no qual collaboravam os homens mais notaveis do partido liberal.

Desesperado com o rumo que levavam as coisas em Portugal, onde parecia que o absolutismo de D. Miguel se estabelecia em bases solidas, Saldanha formava no exilio projectos sobre projectos para fazer vingar a causa da liberdade. Chegou mesmo a entrar em combinações com o famoso caudilho hespanhol Mina para se organisar uma expedição que, atravessando os Pyreneus, ateiasse a revolução em Hespanha e a seguir em Portugal.

Mas os emigrados portuguezes, quando mais precisa era a sua união, não se entendiam no exilio, fervendo a intriga e o despeito e dividindo-se por incompatibilidades de principios e pessoaes. Em duas

facções principaes se agrupavam os emigrados: a dos realistas que acceitavam de muito bom grado a Carta Constitucional por ter sido outhorgada por D. Pedro, vendo n'ella apenas uma transigencia necessaria com as aspirações da epocha e a dos democratas, sinceramente liberaes, que transigiam com a Carta e com a realeza para mais facilmente fazerem vingar a causa da liberdade. Saldanha era então considerado como fazendo parte d'estes ultimos, pelas suas relações com os liberaes francezes, por um discurso que fez á beira do tumulo de Lamarque a que Victor Hugo se refere nos Miseraveis e pela sua collaboração no *Nacional*. Quando D. Pedro chegou a França para organisar a expedição á ilha Terceira preferiu muito naturalmente os primeiros e Saldanha foi excluido, dandolhe como motivo uma imaginaria ameaça de Fernando VII de Hespanha de intervir na contenda com um exercito de 40 mil homens, se Saldanha fizesse parte da expedição. Dava-se como causa da ameaça o antigo projecto de Saldanha de entendimento com o hespanhol Mina. O vulto do general portuguez era já tão grande que para o excluirem, era preciso fabricar pretextos como aquelle! Ou a exclusão de Saldanha ou um exercito de 40 mil homens a oppôr-se ao objectivo da expedição!

As coisas correram porém tão mal no cerco do Porto para os liberaes que D. Pedro viu-se na necessidade de chamar Saldanha e já acima vimos como em duas circunstancias extremamente criticas elle salvou o Porto e a causa liberal.

Tendo o duque da Terceira que commandava a

expedição enviada do Porto ao Algarve, entrado em Lisboa, o general Bourmont partiu com uma parte do exercito a cercar a capital, deixando em frente do Porto o general Almer. Saldanha fez então uma sortida e repelliu o inimigo, fazendo levantar o cerco. Chegado a Lisboa assumiu o commando do exercito e repelliu os ataques de Bourmont, assim como os do successor d'este, o general Macdonell, fazendo tambem levantar o cerco da capital. Macdonell porém retirou para Santarem, fortificou-se e ali se manteve alguns mezes. A Macdonell succedeu Povoas que continuou em Santarem.

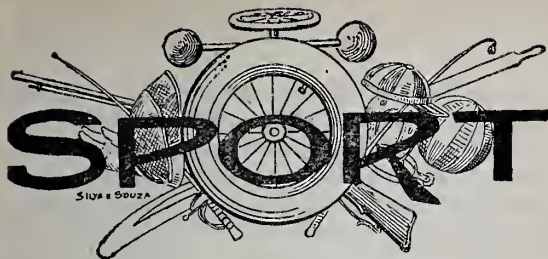
(Continúa)

ACROSTICO

236

* * * * C *
* O * * *
* * * * * S * * * * *
* * * M * * *
* * O * * *
* * S * * *

Terras portuguezas

(Ignaro).

No estrangeiro

Hippismo

O celebre e antigo hippodromo de Pin realisou a sua festa annual que decorreu interessantissima, como sempre tem succedido.

As provas foram tres, duas de manhã e uma de tarde; este hippodromo tem isto de particular, é aquelle em que mais cedo começam as corridas. A's 8 horas e meia da manhã sôa o primeiro toque de sineta; é porém forçoso reconhecer que de manhã não é, em geral, muito numerosa a concorrencia, apezar de ser gratuita a essa hora a entrada no recinto da pesagem, pois que a administração das coudelarias de Pin tem o maximo empenho em tornar publicas as provas effectuadas pelos seus cavallos de *lançamento*, conscia de que não tem a temer concorrencias que se lhe avantajem.

De tarde, porém, o recinto da pesagem enche-se de espectadores vindos das numerosas propriedades dos arredores, criadores e bons entendedores, de mis-

sabendo bem o que ali estava a fazer, quando surge a motocycleta montada por Grapperon, com uma velocidade de cerca de 100 kilometros á hora que, querendo desviar-se do bombeiro, não poude galgar a curva indo projectar-se de encontro a um individuo que se achava na borda da estrada e que ficou com as duas pernas partidas e uma enorme fractura no craneo, fallecendo pouco depois de chegar ao hospital.

A impressão triste causada por este desastre, era augmentada pelo aspecto do dia que se apresentou sombrio cahindo uma chuva miudinha e impertinente que não parou um só momento.

Apezar de tudo as provas não foram nada más.

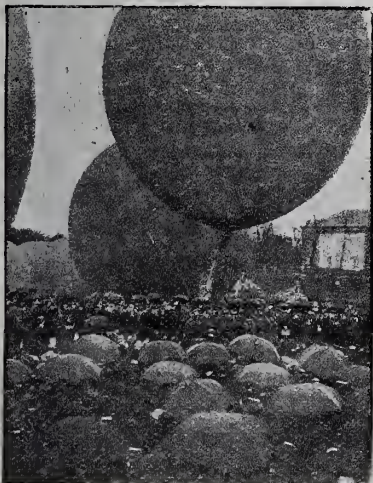
Uma motocycleta Albatros effectuou os 1600 metros do percurso em 1^m e 7^s, 4, isto é, mais de 85 kilometros por hora. Essa motocycleta era montada por Olieslagers que, com um sangue frio e audacia notaveis, galgou a apertada volta para a encosta á velocidade de cerca de 100 kilometros á hora, estando o caminho molhado pela chuva.

Na classe dos automoveis de corrida, um d'elles effectuou o percurso em 1^m 12,^{s}, ou seja, a 80,5 kilometros á hora, sendo Paulo Faure que seguia no seu carro Mercedes de 120 cavallos, o primeiro dos *tòuristes,* batido apenas por 2 segundos por aquelle.

A corrida de *voiturettes* foi ganha por uma Lion Peugeot que fez o percurso de 1609 metros em 2^m, 35^s 4/5, ou seja, a cerca de 40 kilometros á hora e a dos carros de 4 cylindros foi ganha por um carro *Regina Dixi* em tres cathegorias differentes, disputadas por um grande numero de concorrentes.

Na cathegoria sem limitação de potencia teve o primeiro logar Rigal com o seu carro Darracq no qual ganhou o *gran prix* do Automovel Club de França.

Aerostação

O Grand prix do Aero Club disputado por um grande numero de concorrentes se não despertou um grande enthusiasmo no publico nem mesmo entre os

A partida dos balões del circo *de chuva*

apaixonados por este genero de *sport*, não deixou de ser interessante, pois não houve inclemencia que não

viesse perturbar a viagem dos arrojados aeronautas, chuva a potes, nevoeiros, frios, etc.

Não admira pois que alguns dos concorrentes, desanimando com a frequencia do vento e incomodados pelo estado do tempo tivessem logo descido nos arredores de Paris não querendo arriscar-se ás desagradaveis aventuras que o céo carrancudo lhes poderia reservar.

Outros mais animosos ainda chegaram ás praias do canal da Mancha, mas julgaram, e com razão, de elementar prudencia, não levar mais além o seu arrojo.

Um só, Delobel, o campeão do Aero Club do Norte, não podendo reconhecer por causa do nevoeiro a sua derrota, levou a sua temeridade atè ao ponto de se deixar surprehender a pairar por cima das vagas furiosas do Oceano, sendo recolhido por um vapor inglez a 5o kilometros da costa.

A prova não deu pois logar a grandes percursos, subsistindo porisso o *record* anterior.

Logo á partida o balão de Delobel subiu a uma grande altura e impellido por um vento moderado perdeu rapidamente de vista os seus concorrentes.

Sobreveio a noite e os aeronautas no meio das nuvens, não sabiam em que posição se encontravam, invadindo-os uma grande anciedade pelo temor de terem sido arrastados para o alto mar. Quando alvoreceu, abriram a valvula para descer e reconhecer a sua posição e viram que se achavam felizmente muito perto da costa. Quizeram então attingir a costa ingleza, mas o vento mudou e impelliu-os para o Mar

do Norte. Um incidente veio complicar a situação. A's 6 horas da manhã o balão começou a descer d'um modo inquietador; a bordo não havia mais lastro e pouco depois o balão cahia n'agua. O choque atirou

Delobel, vencedor do *grand prix*, que cahiu com o seu balão no mar largo a 45 kilometros de Ostende

com os aeronautas á agua, mas felizmente Delobel pôde agarrar-se a uma corda e ligar-se á barquinha, emquanto o seu companheiro Lepers se agarrava á rede e passava uma corda em torno da cintura. Perto de tres horas estiveram n'esta perigosa posição até que ás 9,^{h}15^{m} passando o vapor inglez *Patani*, enviou um escaler e salvou os dois naufragos. O balão foi encontrado depois ao largo da costa ingleza de Suffolk.

OUTUBRO

Uma estrella tombou n'aquelle monte,
Pela tarde d'Outomno em que partiste...
Ah, que fallas de dôr gemeu a fonte
Para dizêr-me quanto a Morte é triste!

Vejo-a, inda, a espelhar a tua fronte,
N'esse pedaço d'agua em que te viste;
O amôr que ella te tem no céu o conte
Disse anjo em cujos braços me fugiste!

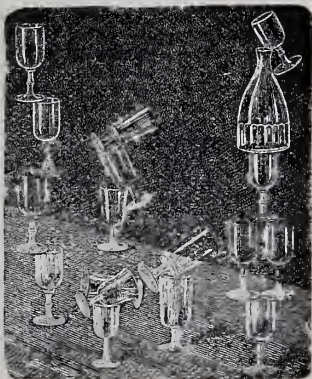
Desde Outubro deixáste-me sósinho,
E n'esse mez tombou pelo caminho,
Sobre a poeira tanta folha morta!

E desde Outubro escuto tristemente
Ao pé do lume e sem rumôr de gente
A saudade que vem batêr-me á porta.

Antonio de Carvalho.

Pyramide de copos

Cada qual em noites de inverno póde entreter o tempo entregando-se a curiosos exercicios de equilibrio, como os que abaixo indicamos e que constituem um passatempo muito mais agradavel que o de fazer *paciencias*, em cartas de jogar

Com um pouco de exercicio e alguma dextreza chega-se a levantar sobre uma meza altas e pittorescas pyramides de copos combinados segundo o gosto artistico de cada um. E' preciso, todavia, que os copos sejam rigorosamente eguaes para que as pyramides possam, sem risco de grave prejuizo para a cópa, attingir grande altura, não esquecendo, claro está, de verificar préviamente o rigoroso nivelamento da meza que lhes servirá de base.

O primeiro exercicio a que, quem quizer entreter-se a realisar prodigiosos equilibrios d'este genero, deverá entregar-se, será o de collocar uns sobre os outros varios copos, de modo que o eixo do superior seja o prolongamento do bordo do inferior, como se vê á esquerda da figura. Satisfazendo rigorosamente a esta condição de equilibrio poder-se-hão sobrepôr uns aos outros 5, 6, 7 e 8 cópos o que dá já uma respeitavel altura.

Depois passará a entreter-se, por exemplo, em suspender o corpo d'um copo sobre o bordo d'outro o que é facilimo, desde que o pé do cópo que fica suspenso, toque o corpo do copo inferior, como se vê a meio da figura do lado direito. Um pouco acima e mais para a esquerda vê-se o modo de juntar aos dois copos um outro, complicando o exercicio que de resto representa um equilibrio estavel.

Em baixo e á esquerda, no meio da figura, vê-se o modo de collocar dois copos deitados ao lado um do outro sobre a bocca d'um terceiro, sem que nenhum dos dois primeiros corra risco de cahir. Não representa isso propriamente um caso de equilibrio; é antes um arranjo bem combinado de posição dos copos. O pé dos cópos superiores não deve tocar o corpo do inferior, como anteriormente; aqui ficam elles completamente deitados sobre a abertura do copo inferior.

Muitas outras combinações de copos em equilibrio podem fazer-se. Ao espirito de cada um acudirão ellas naturalmente. A pyramide representada á direita da figura é, por exemplo, uma combinação elegante e apparatosa.

ENCYCLOPEDIA «COSMOS»

(CONTINUAÇÃO)

Abadal (Manoel), escriptor hespanhol, do seculo XVIII natural de Laragaça. Beneficiado da egreja de S. Paulo e cathedratico de theologia da universidade d'aquella cidade, professor de Artes e Historia no seminario da referida cidade. Publicou algumas obras de dialectica e metaphysica, entre ellas *Definitionum ae Resalutionum Dialecticae et logicae P. Fray Francisci Villapando sinopsis*, e escreveu uma *Historia del Jansenismo,*

Abadal d'Abaix, povoação da provincia de Barcelona, proximo de Mauresa, municipio de Avinyó.

Abadal de Dalt, povoação proxima de anterior.

Abadals, povoação do municipio de Siérra Engarcerám, provincia de Castellon de la Plana, com 15 edificios e 38 habitantes.

Abadal y Calderó (João), religioso hespanhol, nascido em Vich, em 1866. Entrou na Companhia de Jesus em 1886, distinguindo-se pelos seus conhecimentos philosophicos e theologicos e aprofundado estudo das questões politico-sociaes modernas. Escreveu varias obras, entre as quaes se destacam: *Un ejemplo de accion catolica* (Barcelona, 1906) e *La Cosmogonia mosaica* (Barcelona, 1906), notabilissimo livro de propaganda catholica e divulgação scientifica.

Abadal y Calderó (Raymundo), escriptor e jurisconsulto catalão, nascido em Vich, em 1869. Tem publicado varios folhetos muito notaveis sobre direito catalão, e artigos doutrinarios em La Reinaxensa, La Veu de Catalunya e La Veu de Montserrat sobre questões regionalistas, de historia e direito. Foi deputado ás côrtes em varias legislaturas e presidente

do Ateneo Barcelonés. No Congresso, em 1900, defendeu com calor a questão do ensino do cáthecismo na lingua de cada região. Foi eleito camarista de Barcelona de 1904 a 1907. Em outubro de 1905 foi eleito senador pelas Sociedades Economicas da Catalunha, mas não tomou assento ainda, para não ter que renunciar ao cargo de camarista até terminar a importante missão que lhe confiou a municipalidade, assim como a D. Ildefonso Suñol e D. Alberto Bastardas, de estudar a reforma urbana de Barcelona.

Abadalassa, jogo usado na côrte portugueza no seculo XV.

Abadan, povoação situada na provincia de Bagdad, Turquia Asiatica, nas margens do rio Euphrates, em uma ilha formada pelo delta d'este rio, a 65 kilometros de Bassora e a 30 do golpho Persico. Os auctores arabes referem-se muitas vezes a esta povoação.

Abadarão, mouro, capitão-mór da armada de Calicut, vencido em batalha naval por D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei da India. Abalroada e tomada a capitania por D. Lourenço de Almeida, Abadarão fugiu para terra em um catur e nunca mais foi visto.

Abaddon ou **Abbadon,** palavra hebraica que significa perdição, ruina, morte. Este termo designa no livro de Job, os *Psalmos e os Proverbios*, a moradia da morte, o Chéol. E', no Apocalipse, o anjo do abysmo, o chefe do exercito dos *gafanhotos do inferno*. Encontra-se este termo escripto Abbadonna, no *Messiade*, de Klopstock.

Abadde Aparicio (Hilario), doutor em direito civil e economico e advogado do collegio de Madrid. Pu-

blicou em 1863, em collaboração com Raphael Coronel y Ortiz, a obra *Constituciones vigentes*, e sem collaboração extranha o *Projecto de unas bases para la unificacion y amortizacion de la Deuda Publica de España*. Traduziu do latim e publicou em 1880 *La Suma Teologica*, de S. Thomaz d'Aquino, revista pelos padres Manoel Mendia e Pompilio Diaz e precedida d'um prologo do padre Martinez Vigil.

Abadde Ayala (Jacintho), novellista hespanhol do seculo XVII. A sua principal obra tem por titulo: *Novela del más dedichado amante y pago que dan mueres* (1641).

Abaddschebel, montes do Kirmán, na Persia.

Abade, s. m., o mesmo que *abbade*.

Abade ou **Xeij-Abade,** povoação situada ao norte do Cairo e de Sint, no mesmo sitio onde outr'ora se elevou a cidade de Antinoo, construida em honra de Antinos, favorito do imperador Adriano, que se afogou para salvar a vida do seu senhor, sériamente ameaçada, no dizer dos oraculos.

Abadecuas, povoação hespanhola na provincia Guipuzcoa, municipio de Elqueta.

Abadeh, cidade da Persia, situada na provincia de de Farsistan septentrional, perto do rio Kour a 165 kilometros ao norte de Shiraz e a 140 a lessueste de Ispahan. E' circumdada de muralhas meio arruinadas e defendida por uma fortaleza quadrada. Os arredores são lindissimos; por toda a parte se veem pomares e jardins formosissimos, produzindo fructos de sabor delicioso e flores de belleza incomparavel. Tem correio e telegrapho e uma população de 10.000

de Medicina, na qual entrou por causa da obra que publicou com o titulo de *La membrana mucosa que cubre interiormente la cavidad del utero, ¿ es de naturaleza mucosa? La solucion de esta cuestion, ¿ es de importancia para la Patologia?*

Abaderas, povoação hespanhola da provincia de Gerona, a 146 kilometros de Barcelona. Tem 400 habitantes. Nas suas proximidades existem minas de carvão e aguas mineraes.

Abadia, nome de varias povoações hespanholas.

Abadia, povoação italiana, junto ao lago de Como· Tem um importante commercio de sedas, vinhos e azeites.

Abadia, povoação do Brazil nas margens do rio Aroiquikiba, com um excellente porto n'este rio. E' um centro de commercio muito importante.

Abadia (Antonio), presbytero e maestro hespanhol, que dirigiu a capella da cathedral de Burgos desde 1780 a 1791, anno em que morreu. Succedeu n'aquelle cargo a Francisco Hernandez Llanas. Compôz muitas peças de musica religiosa muito apreciaveis.

Abadia (Chrysostomo), prégador aragonez que nasceu em Burgo, proximo a Saragoça; professor em 1774 na religião dos clerigos seculares de S. Caetano. Foi consultor do conde de Aralto, capitão general da Catalunha, com o qual viajou em 1784 pela Italia e França, passando depois a Madrid, onde morreu em março de 1800. Deixou escriptos varios sermões, discursos funebres e panegyricos.

Abadia (Frederico), distincto militar hespanhol que tomou parte na memoravel batalha de Bailén, no

posto de brigadeiro e na qualidade de chefe do estado maior da divisão do general Reding.

Abadia (Francisco Xavier), general hespanhol, nascido em Valencia em 1774. Era chefe do estado-maior no exercito hespanhol da Mancha por occasião da occupação franceza, e, reunindo os restos do mesmo, retirou para Cadiz, onde foi promovido a marechal de campo, depois de ser alguns dias ministro da guerra. Em 1812 foi nomeado commandante em chefe do exercito de Galliza, que elle organisara. Depois do restabelecimento de Fernando VII no throno foi nomeado tenente general e inspector das tropas reunidas em Cadiz para uma expedição á America hespanhola.

Abadia (José), doutor hespanhol, em medicina, que escreveu em 1826 uma Memoria relativa á ilha de Pinos, nas Antilhas, tratando do clima, terreno e aguas e das que elle afirmou serem condições da ilha, insusceptiveis de melhoramento, para a acclimatação das tropas hespanholas.

Abadia (João da), pintor aragonez, natural de Huesca, que foi encarregado de pintar o retrato de Santa Orosia para o altar mór da cathedral de Jaca, executando-o de 1473 a 1496, segundo consta do archivo da mesma cathedral.

Abadia (Pedró), industrial notavel por ter sido o primeiro que introduziu nas minas do Perú as machinas de vapor para esgoto das galerias. Fez a primeira installação em 1816 na mina de Santa Rosa no Cerro de Pasco. Graças a esta iniciativa as minas poderam ser aprofundadas e d'ellas se extrahiram valiosos mineraes de prata, sulphato de prata, etc.

Abadia (Pedro), engenheiro que em 1813 fez o plano do porto do Ferrol no Perú, collaborando n'esse trabalho o seu ajudante, D. Francisco Barrera.

Abadia (Santiago), padre calvinista, nascido em Nay em 1657. Depois de seus estudos, em Sédan, viajou na Hollanda e na Allemanha e exerceu o seu ministerio na França, Prussia e Inglaterra, morrendo em Londres em 1727. A austeridade dos seus costumes, o seu grande talento e o profundo conhecimento das Escripturas Sagradas grangearam-lhe a estima e a consideração dos homens mais notaveis do seu tempo e as suas obras tiveram um grande successo. A sua obra mais notavel é o *Tratado da religião christã* na qual o auctor se mostra tão habil philosopho como subtil theologo. *M.me de Sevigné*, escrevendo ácerca d'essa obra, disse que era um livro perfeito, divino e que ninguem mais fallara ainda de religião como o fez Abadia. Este livro foi incluido no Index em 1700 e 1703 pela sua douctrina protestante. Abadia escreveu ainda um *Tratado da divindade de Jesus Christo*, *A arte de se conhecer a si mesmo*, *Os caracteres do christão e do christianismo*, *O triumpho da Providencia e da Religião*, *Reflexões sobre a presença real de Jesus Christo na Eucaristia*, *Verdade da religião christã reformada*, etc.

Abadia Alpina, municipio italiano da provincia de Turim, districto de Pinerolo, com 2.000 habitantes. Pertenceu a um mosteiro de benedictinos em consequencia da doação feita por Adelaide de Suza em 1064.

Abadia de Barbara y España (Antonio), professor

O POETA DA RAINHA

(CONTINUAÇÃO)

A cotovia ainda não cantava. O sol, despontando a custo das profundidades do horisonte, só aclarava os pontos mais erguidos de cada objecto, como a copa das arvores, a cabeça das estatuas, o topo dos obeliscos: era a hora da belleza, aquella em que se não vê senão aquillo que ha de mais formoso em todas as coisas; o painel onde se erguem todos os pensamentos e se mostram todas as grandezas.

Uma janella do andar terreo estava já aberta, mas velava-a por dentro uma cortina de seda. Quando William ia a passar, a aragem da manhã ergueu a cortina, e o mancebo viu Izabel, em desalinho, penteando-se diante de um espelho. Não lhe escapou Shakspère, e descerrou logo a cortina. Era convidal-o a aproximar-se.

— Reputo-me muito feliz de vos poder vêr só, antes de partirdes, sir William, disse ella, por que tenho uma recomendação para fazer-vos.

N'isto encostou-se ao peitoril da janella, e pareceu disposta a começar o colloquio.

Vista assim, atravez da vidraça antiga, decorada de ricas esculturas, assemelhava-se a uma das delicadas figuras de virgem que põem nos grandes quadros, sobrecarregados de ornatos.

William, com os braços cruzados, olhava-a embevecido. Era a primeira vez que se encontrava só com ella, e no seu aposento, porque, se a vidraça mettia algum intervallo entre elles para satisfazer o recato da donzella, podia elle comtudo ver dentro o seu toucador, os seus veus e vestidos espalhados, a alcova aberta e penetrar realmente n'essa camara consagrada.

Elle não teve tempo de examinar d'onde provinha tanta ventura, mas sabia sómente que não trocaria este minuto por seculos de existencia.

— Sim, disse ella, medindo com o olhar toda a extensão da felicidade que o seu menor favor proporcionava a este homem, promettestes-me dedicar os vossos dramas de *Ricardo II* e *Ricardo III* á minha augusta madrinha, a rainha Izabel, e tenho o direito de exigir que não differireis esta justa homenagem.

William tinha outr'ora jurado sobre o livro de Deus ao puritano de quem havia abraçado a doutrina, que nunca serviria nem com o braço nem com o pensamento a rainha inimiga da sua seita, e que jámais lhe renderia fé ou homenagem.

Mas que importavam estes juramentos de uma vida finda e olvidada? Nem tinham o direito de vir perturbar a doce tranquillidade d'estes instantes.

— O nome da rainha Izabel apparecerá no frontestespicio das minhas obras, visto que o desejaes, respondeu elle. Mas que póde valer, no conceito d'esse grande soberana o tributo de uma poesia, cuja fama é ainda tão recente quão pouco firme?

— Que importa, se esses poucos dias encerram tantos triumphos como se fossem uma longa carreira.

— Bem o vedes, Izabel; este dia que desponta e lança já por de cima das arvores esta poeira de ouro que precede os seus raios, annuncia ser esplendido; e todavia o primeiro vento que sopre póde toldal-o de nuvens e tempestades. O curso da existencia é mais incerto ainda.

— Quem poderá turbar o do poeta já protegido pelo favor soberano e amado da nação?

— Como detestado dos grandes!...

— Enganaes-vos, Shakspère: os nossos fidalgos honram o vosso talento.

— Fazem-me a honra de me odiar, e a graça de me terem inveja. Não perdoam ao homem sahido da obscuridade erguer uma grandeza estranha proximo d'elles: invejam secretamente uma illustração nova e viva; elles, que se ataviam de um nome que lhes legaram; titulos ganhos por seus passados; brazões consagrados por aquelles que dormem no sepulchro.

— E porque não podem elles herdar a gloria de seus avós?

— Porque a gloria, recompensa do valor, da lealdade e de heroicos feitos de armas, não póde passar de uma geração a outra, como passa uma propriedade de familia, como passa um diamante ou um copo de ouro. A gloria identifica-se áquelle que a adquire, como a virtude: e quem pensou nunca em adorar e resar a um homem porque seu pae fôra um santo?

— Os nobres de Inglaterra devem usar dignamente o apellido de quem descendem

— Oh! de certo, e bem *descendidos!* Seus avós faziam a guerra aos inimigos do estado, e elles fazem-na a um pobre poeta.

— Sois injusto William: lorde Ralegh, por exemplo, aprecia extremamente os vossos versos, e até sabe bastantes de cór.

— Porque os tem ouvido da bocca da rainha, onde tomaram valor para o cortezão, e porque dizendo

essas coisas lisongeiras de mim, no palacio de vosso pae, cuja benevolencia a meu respeito é assás conhecida, as adulações que dirige ao poeta vão abraçar aquelle que o escolheu para seu humilde vassalo.

— Bem sabeis que tanto eu como meu pae tratamos de egual a egual o amigo de Henrique e o escriptor distincto.

— Minha senhora, os viajantes partindo de dois pólos, e a quem distanceiam as montanhas e os mares, caminham longo tempo primeiro que se reunam, mas reunem-se; mas os individuos que partem de dois confins da sociedade, quanto mais caminho e obstaculos os separam, mais tempo carecem primeiro que possam apertar a mão um do outro.

— Parece-me comtudo, disse ella, sorrindo, que aquellas pessoas que se assentam á mesma mesa e ao mesmo fogo, estão decerto a ponto de se reunirem.

— Não estão; existe ainda um intervallo immenso. Vós pensaes, vós, os grandes do mundo, que assim daes logar em vossos salões a um plebêo, desde logo este fica satisfeito... Mas quanto isso é pouca cousa para aquelle que desejaria ver a egualdade estender-se até ao coração!

Esta ultima phrase resumiu o grito profundo e doloroso da alma: o desabafo da paixão, desabafo imponente e solemne precursor de tempestades, tinha-se exhalado com aquellas palavras.

Shakspère empallideceu com a impressão excessivamente violenta d'este momento: um ligeiro estremecimento lhe percorreu o corpo todo: encostou-se

ao peitoril da janella. Comtudo sentiu que n'esta occasião poderia fallar bem alto de suas angustias.

—Oh! se vós soubesseis, Izabel, que tormentos me exarcebam todos esses vãos distinctivos de existencia social que vos separam de mim! N'um momento de adoração em que minha alma está toda concentrada no amor, ouço de subito roçar-me os ouvidos esse titulo de condessa que vos dão, distingo os brasões da vossa carroagem, a libré de vossos criados: os meus olhos ferem-nos a cor estrillante de vossos vestidos, de herminio que os orla, d'essas insignias que vos pertencem e que trazeis! São outras tantas armas que me repulsam, para longe de vós, que me arremessam, com o coração dilacerado e amortecido, para a minha obscura esphera. De balde do fundo d'essa ergo os braços para vós, porque vejo-vos sempre rodeada dos mesmos distinctivos odiosos da vossa grandeza: vejo-vos... attentae bem, mesmo agora, n'este momento, no meio dos hombraes d'essa janella toda esculpturada de attributos, de armas da vossa familia e encimada do seu antigo escudo... tal escudo é de pedra, é um rochedo immutavel, eterno, de que os seculos augmentam a dureza em vez de a diminuirem. E quando olho para isso tudo, affigura-se-me que esses signaes heraldicos e mysteriosos formam para mim a palavra *jamais!*

—Depois olhou para Izabel e proseguiu febricitante:

—E o que ha de mais terrivel é que essa palavra *jámais*, com que o orgulho nobilitario me repelle, esse termo de reprovação eterna que só deveria

achar-se gravado sobre a pedra envelhecida, ou no bronze enferrujado, parece me tambem vel-a escripta na vossa fronte. Tenho occasiões que até acredito que vos odeio.

Izabel empallideceu, e a cabeça descaiu-lhe sobre o peito. Estava tremula e curvada debaixo da violencia da paixão que lhe revelavam, como o arbusto fragil que se dobra ao impeto do furacão.

—Por isso, tornou William, se podesseis descortinar o fundo d'esta existencia, que reputaes tão prospera, sentirieis piedade. Quando o seu nome é proclamado em triumpho, não sinto nenhuma alegria; não é isso que eu ambiciono: quando o salario de meus trabalhos chega em abundancia, nada para mim mais indifferente do que isso, porque de modo algum mitiga as minhas penas: quando os homens superiores, attraidos de uma especial sympathia por minhas obras, veem apertar-me a mão, recebo-os friamente. O unico bem que invejo, que invoco com todas as forças da minha alma, e que permanece sempre arredado de mim, torna-me insensivel a todos os outros triumphos. Sinto até um certo azedume n'estes favores da sorte que se me apresentam espontaneos, sem serem appetecidos, a mim que mui diversa ambição devora, ambição onde tudo é gelo e desespero! Izabel, cada vez que uma ovação vem recompensar os meus esforços, olhae para meus olhos e ahi vereis uma lagrima!

—Pobre William!

—Se soubesseis sómente o quanto vos amo, seria uma consolação para mim, porque o saber é tambem [illegible] cousas, algumas vezes pelo menos. Então

quando as vossas recordações se volvessem para mim, ver-me-hieis n'esta especie de soledade attribulada de todas as maguas, e soffreria menos com o vosso olhar.

Uma cortina de choupos crescidos ao longo da fachada, occultava os primeiros arroubos d'este amor tão vehemente e elevado, mesmo diante dos raios do dia que irradiava. Izabel, assentada por dentro da janella, deixou cahir uma das mãos da parte de fóra, e William, ajoelhado, encostou sobre esta mão a fronte esbrazeada.

—Ao menos deixae que vos ame, murmurou elle; não me priveis d'essa melancholica ventura, essa triste metade da existencia, porque a outra é bem cruel, pois não vejo n'ella senão a indifferença.

—Cada um sente as suas dores, respondeu Izabel como scismando entre si.

—Oh! não me falleis d'essas dores ligeiras e sem nome, d'essas rapidas nuvens que passam em vossa vida reclusa: não falleis d'isso diante de quem tanto vos ama, e jámais vos possuirá... que treme a todo o instante com receio de ver-vos pertencer a outrem.

William exaltado, delirante, supplicava esta mulher de joelhos, como se ora a Deus.

—Izabel, exclamou elle, tende piedade d'esta pobre alma enferma, que n'esta hora padece e geme diante de vós! Sei perfeitamente, que em breve será necessario ver-vos ainda mais separada de mim pelo casamento que vos espera, mas não me digaes... não me digaes nunca com antecedencia quando será o momento d'esse medonho sacrificio!

—E seio-o eu mesma por ventura! murmurou ella com uma inflexão de amargura concentrada.

N'este instante um annel que estava largo no dedo de Izabel, escorregou na mão de Shakspère.

—Oh! deixae-me este annel, clamou elle na maior exaltação de amor. Não tendes nada de que me arguir, nem de que arguir a vós mesma: nem eu vol-o arrebatei, nem vós m'o d'estes. Deixa-o aqui, em cima do meu coração, e promettei-me que emquanto elle aqui se conservar, não dareis vossa mão nem o vosso affecto a outro, Em troca, juro entregar-vol-o... assim que o exijaes.

E dito isto, ergueu a cabeça inflamada por todo o fogo da paixão: algumas lagrimas lhe deslisavam pelas faces.

A janella ficou vasia; a cortina caiu; mas o annel permaneceu nas mãos do poeta.

Alguns instantes depois, reuniram-se todos para o almoço. William, concentrado na sua ventura, não via, não ouvia nada do que se passava. Um accidente, que não devia ter nenhuma valia para elle, lhe revelou todavia esta alheação.

O estribeiro do lord Clarrisson, chegado de Londres a toda a pressa, entregou cartas da rainha a seu amo e a miss Southampton.

O mensageiro da côrte, recommendára, que a missiva dirigida ao barão lhe fosse logo entregue, e quanto á carta destinada a Izabel, Minuit, quando partisse, ao passar pelo palacio Southampton, onde elle havia chegado, encarregou-se tambem de a trazer.

A mão da joven miss tremia de quebrar o sello;

mas á leitura das linhas traçadas por sua angusta madrinha, um vivo carmim de alegria reluziu no seu rosto.

O contrario succedia a lord Clarrisson á proporção que ia tomando conhecimento do contheudo da sua carta: a seu pesar, deixou transparecer indicios da surpreza e inquietação que o sobresaltavam.

O conde, acostumado ás secretas relações da rainha com sua filha, não fez nenhuma pergunta a Izabel a respeito das novas que vinha de receber, mas testemunhou a lord Clarrisson, de quem tinha notado a tristeza, a sua admiração por ver que podesse haver algum motivo de penas para elle na mensagem de uma soberana que lhe concedia tão alto favor.

—Os favores reaes, respondeu o barão, vem acharnos no repouso de uma doce existencia, e deixam-nos quasi na desgraça, quero dizer, muito mais inferiores ao ponto d'onde haviamos partido. É uma mercê de que tenho sempre, confesso-o, grande terror.

XII

Horóscopo

Shakspère dominado pela influencia d'estas recordações affectuosas, que rasgam o peito, e quebrantam todas as forças, voltava a Londres entregue ao passo lento de seu cavallo, por uma estrada orlada de alamos e freixos que contornava o curso de um pequeno rio. Ao lado d'elle, a agua murmurava em sua alma.

Depois da sua partida, enxergou Minuit, que lord

Clarrisson mandava voltar a Londres, e que montado n'um cavallo preto, caminhava á sombra que espalhavam as arvores aos lados da estrada.

No meio d'estes campos de aspecto aprazivel e desafogado, de emanações brandas e suaves, este pequeno ente heliondo, que passava por detraz das arvores, lembrava a serpente que se arrastasse pelas folhas e a sua presença produziu, como acontecia sempre, uma impressão penosa em William. Comtudo, como este lacaio, por suas adherencias secretas com miss Southampton e suas mensagens a Ariella, parecia tocar em todas estas relações tão caras, desejava de algum modo fallar-lhe, e aproveitando-se do ensejo que se offerecia, passou para o lado do caminho de Minuit.

—Creio que o vosso scismar vos impede de me ver, sir Shakspère, disse o estribeiro de lord Clarrisson, porque os vossos pensamentos são bem profundos e graves n'este momento turbado por bastantes inquietações.

William sentiu-se maravilhado e ao mesmo tempo dolorosamente ferido por ver que os segredos de sua alma eram assim conhecidos por este homem, que lhe mostrava uma raiva instinctiva e sempre proxima a desafogar em actos de perversidade.

—Presumo que os meus pensamentos não estão escriptos no meu rosto, respondeu elle com sequidão, e que existis a grande distancia de mim para poderdes conhecer o que me preoccupa, e o que me pode causar pena ou praser presentemente.

—No presente e no provir, se lhe agradar a vossa

senhoria; porque posso dizer-vos que a esperança vos sorri hoje; que uma hora de felicidade, da maior felicidade que haveis conhecido, acaba de vos ser concedida, mas que deve ser tão rapida como deslumbrante, e que estaes destinado a pagal-a bem caro.

William estremeceu até ao intimo da alma, mas no semblante só appareceu um desdenhoso sorriso.

—Ahi temos uma prophecia de bem pouca importancia, lhe respondeu elle, porque se póde aventar o mesmo de todos os homens ditosos.

—E de vós mais que de ninguem, senhor William. Excessivas doçuras vos foram libadas. Poeta obscuro ainda haverá alguns annos, e presentemente cingido de coroas, para compensar todas essas alegrias, era mister derramar em vosso peito algumas gotas de amargura, e, com esse fim, a sorte escolheu o amor. É um veneno de que se faz tudo o que se quer, e que vos moverá novas torturas, que por muito tempo se pintarão no vosso rosto.

— Tendes ainda mais algumas cousas agradaveis que pediser-me?

—Tenho; posso prognosticar-vos que á vossa fortuna de escriptor invejado por todos os nossos collegas, e tantos dos que hão de vir depois de vós, achar-se-hão sempre ligados pesares intimos que vol-a farão pagar bem caro. Nunca deixareis de olhar com inveja para a classe dos grandes, á qual o vosso nascimento vos embarga de chegar. Duvidareis do fundo de alma da vossa propria grandeza, e tudo por ambicionardes secretamente aquella que simulaes despresar. Muitas vezes haveis de dizer que a carreira do artista é co-

berta de uma deslumbrante poeira de oiro, mas que a terra d'essa carreira é esteril.

Estes sentimentos existiam com effeito em Shakspère; estes espinhos da inveja e da ambição sentia-os o poeta, mas sem que nunca ousassem confessal-o a si proprio. Estremecia, e encarava com temor e colera aquelle que devassava os mysterios da sua vida intima melhor do que elle.

—Não é ainda tudo, proseguia o propheta das desgraças. Os prazeres e bellos instantes da vida que levaes, enfastiar-vos-hão como outros quaesquer. Essa alegria orgulhosa de ser applaudido, admirado, essa ebriedade que sobe á cabeça á proporção que cada um se torna grande homem, com a vossa organisação variavel, com as vossas impressões ardentes mas transitorias, tudo se apagará dentro em pouco. Em breve só vos restará esse amontoado de cinzas, que appellidam *saciedade*, e sobre o qual caimos aniquillados. Será bem moço que sahireis do theatro, da sociedade, e até da vida.

—Amigo, quanto queres por esse bello horóscopo?

—Se fosse bom, não, vol-o tiraria.

Minuit pronunciou estas ultimas palavras com o sorriso malevolo mesclado de tristeza que William lhe tinha já observado na floresta, no primeiro encontro. O cunho sobrenatural que apresentava o caracter exacravel d'este homem, fazia com que junto, d'elle, a repulsão cedesse por vezes á curiosidade. Shakspère retrocou-lhe simplesmente o seu azedume;

—Minuit, tu prometteste-me uma vez, bem me

lembra, dizer-me um dia e motivo d'esse rancor á especie humana.

—Olhae para mim, e tel-o-heis advinhado. Hediondo de corpo, composto de todas as fealdades, sendo aos olhos de todos um objecto de repugnancia e terror, não me posso ligar aos homens por nenhum laço de affecto, nem gozo no meio d'elles de nenhuma alegria. Para não permanecer exilado, foi-me preciso unir-me a elles pelo sentimento da raiva e as doçuras da vingança.

—A fealdade physica não exclue da sociedade: as más inclinações são reformadas pela educação.

—Vim ao mundo n'uma noite de inverno, assignalado por feições horrendas e com pés rachados como imaginam os monstros infernaes, e fui abandonado n'uma cisterna...

—O quê?... A creança cuja presença, conforme se diz, empestou a cisterna de Stratford, de que hoje todos fogem...

—Sou eu.

—Então nascestes tu perto da casa de meus paes?

—Nasci; *bem perto*, disse Minuit, arrastando esta palavra, e olhando William de um modo estranho. Accreditam que um demonio me creou. Foi uma mendiga que passando por ali alta noite, me recolheu no avental, porqué lhe era precisa uma creança para pôr adiante de si, quando se estendia sobre a calçada, parecendo proxima a morrer de fome, e movendo d'esta sorte a comiseração dos viandantes. Era a tabuleta d'esta loja, onde ella vendia o aspecto da sua indigencia por alguns óbolos. Quando fui crescendo

em forças, pedi para guardar os rebanhos nos campos de Warwick-shire, implorei o favor de passar todo o dia com os animaes, para volver á noite entre as creaturas humanas; mas assim que me apresentava á entrada de alguma porta, davam-me um bocado de pão e batiam-me para que me fosse embora logo da casa, onde a minha vista mettia medo, e julgavam que a minha presença levaria a desgraça. Na edade de dezesseis annos ainda não tinha dormido debaixo de telha...

Shakspère olhou para elle com olhos de piedade.

—Vós entendieis ser desgraça em companhia de vosso pae, sir William, e comtudo eram ahi altivos de vós, admiravam-vos em segredo; amavam-vos. As fadigas penosas a que vos constragiam, eram por vosso bem; eram para vos vêr chegar á riqueza pelo trabalho; era tambem um principio de affecto que guiava vossos paes na severidade que vos mostravam... Oh! quantas vezes eu vos invejei nos tristes dias da vossa infancia!...

William estava cada vez mais assombrado d'este homem conhecer tão bem a sua vida.

Mas n'este momento, Minuit fixou n'elle um olhar que lhe causou um soffrimento estranho.

—Continuae, disse elle ao seu companheiro de viagem.

—Reduzido á vida selvagem, quiz ao menos gosar dos privilegios, quiz ter a liberdade. Metti-me na floresta de Worcester. Habitava no meio dos animaes, ferozes, que eram tão medonhos e pobres como eu, e fazia a guerra aos homens que eram mais ricos e per-

feitos. Roubava o viajante. Ia comprar o meu sustento ao logar mais visinho, e voltava depois a esconder-me de novo para o comer no sitio onde o ganhára, que era ao pé de um carvalho frondoso, de companhia com as serpentes que se arrastavam pelas raizes, perto dos charcos de agua negra e limosa. Assim vivi esta vida muito tempo, perseguindo os viajantes ricos... perseguição legitima, porque todos aquelles que eram possuidores de muitas perfeições e bens tinham-os furtado ao miseravel monstro destituido de tudo. Alimentava-me e vestia-me d'este modo. Apertado pela fome, roubava a bolsa do viajante nocturno, e apertado pelo frio, tirava-lhe o fato... e ao mesmo tempo chegava-lhe tambem algumas vezes a hora em que não havia necessidade de mais nada para elle...

—Miseravel!

—A mendiga que me levou da borda da cisterna, poz-me o nome de Minuit, nome de hora em que nasci. Não tive outro baptismo, mas este bastou-me. Meia noite é o ponto mais affastado do dia; meia noite é a hora nefasta dos sonhos, dos assassinios, das almas do outro-mundo. E eu era o ponto mais arredado da belleza, da bondade, da virtude, de tudo que existe de melhor sobre a terra: era a noite sombria, na qual podiam surdir á sua vontade os pensamentos criminosos e o espirito infernal.

—E serviste-te do teu nome para justificar as tuas obras?

—As minhas obras não carecem de justificação, porque não fui eu que as escolhi. Vós que sois Shakspère, o grande pintor do coração humano, vós co-

nheceis bastantes cousas que se passam no seu interior mas nunca sabereis o que é ver todos os olhos arrendarem-se da vossa presença com execração! Talvez se me quizessem ao menos dar um rebanho de cabras a guardar, talvez eu me tornasse util! E quem sabe até se uma creança quizesse deixar-se abraçar por mim, eu tivesse pensado em ser sensivel! Mas nada d'isso me aconteceu nunca. Que querieis então que eu fizesse? É indispensavel fazer alguma cousa, quando á força, quando se está vivo, quando se possue bons braços musculosos que só pedem exercicio; é indispensavel sentir alguma cousa, quando se tem, como outro qualquer, instinctos de amor e de raiva germinando no peito. Como nunca pude crear, tenho destruido; como não tenho podido ser irmão de nenhum homem, tornei-me inimigo de todos.

—Presenciei vestigios de teus crimes.

ENYGMAS TYPOGRAPHICOS:

237

Lindo.

(Turdes).

*

238

100 vogal nota nata.

(Oriebir).

*

239

NOTA	NOTA

=Camisola—

(Dizior)

Charadas, enigmas e acrosticos

CORRESPONDENCIA

Açnarepse. — Tudo que esteja em condições se publica. Se as suas producções não teem sahido, é attendendo á grande porção de collaboradores que nos enviam charadas. Brevemento sahirão.

Zé Povinho. — Se não vê o seu pseudonymo no n.º 10 é porque as soluções que mandou chegaram tarde.

Padre Eterno. — Em resposta ao que diz na sua carta, sou a dizer-lhe que não ha duvida que a interpretação dada ás charadas seja exacta. Mas ha de convir que não podemos alterar o sentido dos seus auctores. O collega sabe muito bem que um gato é muito parecido com uma gata quando esteja á janella. Quanto á charada n.º 124 do 6.º volume veja Diccionario Encyclopedico de D. J. Correia A. Lacerda.

ATTENÇÃO

No XI volume, (mappa das decifrações) onde se lê = 1.º concorrente Bohémio = leia-se 4.º concorrente.

Decifrações do n.º 7

157, Regato.—158, do mal o menos.—159, Eolo.—160, Lua com circo agua traz no pico.—161, Saudo o invencivel gladiador charadistico.—162, Cita—cicata.—163, Marcolino.—164, Brochasa.—165, Diamastigose.—166, Pecha.—167, Salvé charadistas.—168, Jurista. —169, Sobale, opada, bato, odo, la, e.—170, Raça—açar.—171, Trocas—Castro.—172, Porto-orto.—173, Fadagosa.—174, Malsão.—

Decifradores

Alejoal, Padre Eterno, Camillo, *Zé Povinho*, H., Bohémio, Azuos.

Concurso:

A direcção do **Cosmos** recebe até ao domingo de Paschoela, os contos, originaes seus, que os alumnos dos lyceus e dos collegios de instrucção secundaria queiram enviar-lh'e.

Um jury especial fará a classificação d'esses contos e a cada um dos auctores dos tres primeiros classificados como melhores será offerecido um objecto d'arte.

Aos nossos assignantes e agentes

As assignaturas são pagas adiantadamente.

As liquidações dos nossos estimaveis agentes são feitas mensalmente, sendo suspensas as remessas logo que deixe de se attender esta observação, para regularidade dos serviços administrativos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a **Adolpho de Mendonça—Rua do Corpo Santo, 46-48—LISBOA.**